

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

Anamaria Brasil de Miranda

**OS MOVIMENTOS *OCCUPY*:
UTOPIA, POLÍTICA E PSICANÁLISE**

Porto Alegre

2013

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientador: Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa – UFRGS/PPGPSI

Prof.^a Dr.^a Isabel Victoria Marazina - LASAMEC/FSP/USP

Prof.^a Dr.^a Simone Mainieri Paulon – UFRGS/PPGPSI

Prof. Dr. Eduardo Mendes Ribeiro – APPOA

Aprovado em _____.

AGRADECIMENTOS:

Ao Edson por fazer o "corte certo entre os suportes e colapso", por me inspirar às lutas utópicas e por dar vazão aos meus desejos de escrita, apostando no gol aos 45 minutos do segundo tempo;

à Isabel Marazina, Eduardo Mendes Ribeiro e Simone Paulon por aceitarem meu convite para compor a banca de avaliação, mas, sobretudo, por acompanharem, desde cedo, meu percurso político dentro da psicologia;

à minha mãe pela transmissão do desejo de estudar psicanálise e ao meu pai por colaborar com as árduas correções textuais;

aos colegas que compartilharam a angústia da escrita, fazendo esse processo ser não tão solitário assim;

aos amigos que mostraram interesse pela minha proposta, sustentando meu desejo sobre o assunto;

aos *occupyers* por compartilharem um espaço de utopias;

e a todos os companheiros de luta que, de alguma forma, colaboram para mudança da realidade social que nos cerca.

RESUMO: O presente trabalho surge com o intuito de problematizar os Movimentos *Occupy*, iniciados em 2010 com a Primavera Árabe como um espaço de utopias, utilizando a psicanálise como método de interrogação do sujeito, onde analiso os movimentos de juventude no contemporâneo. Junto com esta problematização, faço uma reflexão sobre de que formas a própria psicanálise pode compor uma vocação utópica, enquanto ferramenta política, a partir de sua visão acerca do sujeito e da proposição de uma ética. Nele, proponho-me a analisar de que forma os regimes econômicos lapidaram as subjetividades e sua contrapartida a partir dos movimentos de ocupação que estão se dando nas ruas, pensando a rua como espaço simbólico de utopias enlaçado nesta mesma ética.

Palavras-chave: Utopia, Rua, Movimentos de Ocupação, Psicanálise.

ABSTRACT: *This paper appears in order to discuss the Occupy Movements, begun in 2010 with the Arab Spring, as a space of utopias using psychoanalysis as a method of interrogation of the subject and the youth movements in the contemporary. Along with this questioning, I reflect on the ways in which psychoanalysis comprises a utopian vocation as a political tool from a new sight over the subject and an ethical proposition. In it, I propose to examine how the economic regimes lapidated subjectivities and its counterpart from the Occupy movements that are taking place in the streets, thinking the street as a symbolic space of utopias ensnared in this ethic.*

Keywords: *Utopia, Street, Occupy Movements, Psychoanalysis.*

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	05
CAP. 1 - A VOCAÇÃO UTÓPICA DA PSICANÁLISE	10
1.1 - Dos fracassos da psicanálise às revoluções de 60	10
1.2 - Dos fracassos das revoluções de 60 e sintomas contemporâneos	17
CAP. 2 - REVOLUÇÕES CONTEMPORÂNEAS	26
2.1 - Dos fracassos que nos movem	26
2.2 - Occupy - dos princípios aos meios	28
2.3 - Relatos de experiência	37
CAP. 3 - REVOLUÇÃO & UTOPIA	54
3.1 - Estratégias de resistência: mídia e arte	56
3.2 - A rua como espaço utópico	61
3.3 - Do futuro em aberto	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ÍNDICE DE FIGURAS	76
GLOSSÁRIO DE SIGLAS	77
ANEXOS	78

INTRODUÇÃO

Desde que entrei no mestrado de Psicologia Social e Institucional tive três projetos de pesquisas em minhas mãos. O primeiro sobre as revoluções dos anos 60 e movimentos de juventude contemporâneos; o segundo sobre o trabalho que realizei na Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) como cronista na formulação de políticas públicas para população de rua; e, o terceiro e último, sobre o Movimento de *Occupy* no qual me engajei no final do 1º ano do curso. O marco teórico dessas três pesquisas nunca mudou. Em todas elas, permaneceu o tema da função política da psicanálise, mas foi inevitável que o curso dos acontecimentos históricos me trouxesse de volta ao tema das revoluções. Explico o porquê dessa inevitabilidade, mas, para isso, terei de contar um pouco da minha própria história.

Desde minha adolescência, percebendo meu papel no mundo e no curso da história, venho me dedicando ao ativismo social, tendo passado pelos mais diversos campos de atuação política. Comecei, aos 16 anos, filiando-me a um partido de esquerda. Com 17, iniciei o curso de psicologia na Unisinos, que tinha um currículo voltado para a psicologia social, com o qual me identifiquei. No curso de psicologia sempre procurei unir profissão e desejo de mudança social, no qual acredito ter sido contemplada.

Um ou dois anos mais tarde, não contente com "apenas meu voto", juntei-me a uma organização ligada ao governo, mas de participação "independente" - o Fórum Municipal de Juventude (FMJ) - onde passei a atuar ativamente na proposição e organização de políticas públicas para a juventude. Nesse mesmo ano, passei a estagiar em comunidades e a interessar-me pelo tema da comunicação e subjetividade.

Finalizado o governo de esquerda no RS e em Porto Alegre, em 2004, o Fórum se dissolveu e as rixas intra-partidárias evidenciaram-se. "Rachamos"! Parte criou o movimento "Metamorfose" e a outra, a "ONG Atitude!" na qual me engajei. Neste ponto do curso de minha história, eu já havia desencantado com partidarismos¹, passando a

¹ Participação político-partidária.

cultivar ações independentes - como a ONG, os trabalhos profissionais e outros grupos de interesse. Continuei os estudos com base nas minhas experiências ativistas e terminei o curso falando sobre movimentos de juventude contemporâneos.

Ao me graduar, fui trabalhar na Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Leopoldo como 'Oficineira de Comunicação Comunitária'. Queria também conhecer a tal "psicanálise", tão criticada pelas correntes da Psicologia Social que eu vinha estudando. Se eu iria criticar algo, teria de conhecê-lo para não correr o risco de agir como "papagaio universitário" (somente repetindo o que me disseram). Além disso, eu me interessava pela prática clínica e queria saber mais sobre a noção de sujeito do inconsciente trabalhados por Freud e Lacan. A psicanálise somente me interessaria na medida em que eu pudesse identificar uma função política nela. Fui surpreendida, não só pela teoria, mas por uma rede de profissionais que valorizavam este mesmo objetivo. Dediquei-me por três anos à temática e, ao final de duas especializações em psicanálise², publiquei meu primeiro artigo sobre o assunto, intitulado: "A Psicanálise tem um Partido?"³

Comecei, então, o mestrado em março de 2011 querendo aprofundar a pesquisa sobre a função política da psicanálise e, a partir daí, analisar o fracasso das revoluções dos anos 60 devido, principalmente, ao avanço do sistema capitalista e sua ditadura velada e às conseqüências subjetivas deste processo. Poucos meses depois (maio de 2011), uma nova onda revolucionária de protestos populares toma frente nas ruas: os Movimentos de Ocupação⁴, que tiveram início na Primavera Árabe⁶, em dezembro de 2010, e começam a se espalhar pelo mundo. O movimento ~~teve~~ tem uma expressão

² "Percurso Escola" na Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA) e "Laboratório de Psicanálise" na Associação Clínica Freudiana (ACF).

³ MIRANDA, Anamaria B. - "A Psicanálise tem um partido?". In: Jornada do Percurso: ecos de uma formação (II). Correio APPOA, número 194. Setembro de 2010. pg. 5-13.

⁴ "Occupy" é um movimento de protesto internacional contra a desigualdade social e econômica. Seu objetivo principal é tornar a estrutura econômica e as relações de poder na sociedade mais justa.

⁵ O termo pode ter vários significados. "Okupa", por exemplo, é um termo libertário derivado da palavra ocupação sendo que seu equivalente na língua inglesa é *squat*. O termo faz referência especificamente ao ato de ocupar um espaço ou construção, abandonada ou desabitada, sem permissão de seus proprietários legais, não para transformá-lo numa propriedade privada, mas com o objetivo de criar uma esfera de sociabilidade e vivência libertária. Outro significado é sinônimo de "profissão" e, um terceiro, designa uma situação em que se encontra um Estado invadido e submetido a dominação militar estrangeira. O termo utilizado pelo movimento, entretanto, aproxima-se do primeiro significado, com a diferença de que ocupam-se espaços públicos, não de forma ilegal, mas em desobediência civil.

⁶ "Os protestos no mundo árabe em 2010-2012, também conhecidos como a Primavera Árabe, são uma onda revolucionária de manifestações e protestos que vêm ocorrendo no Oriente Médio e no Norte da África desde 18 de dezembro de 2010. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe)

especial na Espanha (Indignados) e nos EUA com o *Occupy Wall Street*, chegando ao Brasil e diversos outros países apenas em 15 de Outubro de 2011 (150).

Neste mesmo ano fui chamada para trabalhar em uma equipe de assessoria à FASC na função de cronista-observadora. O trabalho tinha como base a escuta psicanalítica com o objetivo de reformular as políticas públicas voltadas à população de rua. Essa nova modalidade de escuta-escrita instigou-me a pesquisar e escrever sobre o assunto. Resultou em um projeto de pesquisa⁷ e em um artigo publicado no Correio da APPOA⁸. Não demorou muito para meu interesse deslocar o foco.

A chamada global para as acampadas em praça pública convocou-me a uma participação ativa e direta, inspirando-me a problematizá-las como um espaço de utopias desde a minha prática junto ao movimento. Hesitei de início, pois já havia trocado o tema da pesquisa, mas não pude evitar, a novidade tomou conta dos meus pensamentos, sonhos e desejos e, junto com o incentivo de alguns, decidi trocar de tema novamente, e pela última vez.

Explicada a inevitabilidade da direção de minha pesquisa, posso agora, de fato, fazer uma introdução do que pretendo escrever nesse trabalho. Neste texto, estarei problematizando os movimentos de ocupação como espaços de utopia e condizentes com a ética da psicanálise. A escrita parte da experiência que tive com o mesmo desde dentro da microesfera "Ocupa POA" e "Ocupa dos Povos", além do que acompanho na Internet⁹ (há pouquíssimos outros meios de informação) sobre os outros "ocupas" no mundo. Experimento fazer uma análise do movimento *Occupy* como um todo e seus efeitos. Não se tratará de uma idealização desses movimentos, mas uma análise sobre o que eles anunciam, sobre as brechas se abrem e também sobre os problemas que eles apresentam. Neste sentido, uma das propostas deste texto também é, através do método psicanalítico, tentar identificar o que ainda se repete nesses novos movimentos sociais. Quais são os pontos cegos dos *occupys*?

⁷ apresentado no Interloquções Metodológicas (UFRGS - PPGPSI) e intitulado "Da escuta à escrita: a potência da psicanálise na formulação de políticas públicas".

⁸ MIRANDA, Anamaria B. et al. - "Cronista: um lugar em construção - a escuta inscrita e escrita em uma função". In: Instituto APPOA. Correio APPOA, número 206. Outubro de 2011. pg. 39-46.

⁹ Através de fotos, relatos, reportagens e grupos de discussão.

Ressalto que não falo representando o movimento, mas através dele, desde uma experiência singular. Também é importante ressaltar que reconheço dificuldade de separar os vários "eus" em mim que estarão falando neste texto: a ativista, a psicóloga, a psicanalista, a acadêmica e eu mesma. Minha participação ativa estará atravessando esta análise intrinsecamente, sendo que, mesmo querendo pesar os "prós e contras", tenho meus pontos cegos de apaixonamento, aposta e também de frustração.

Sobre o movimento de ocupação, saliento que há diferenças entre o "estar acampado" e a simbologia do movimento como um todo. O significante "ocupar" remete não só ao estar acampado, mas a toda a atividade política ou cultural que toma e legitima o espaço público como palco de seus acontecimentos. Neste sentido agrega-se à discussão a rua como espaço utópico.

Como mencionei anteriormente, acrescentarei a esta problematização uma reflexão sobre de que formas a psicanálise compõe uma vocação utópica enquanto ferramenta política, a partir de uma nova visão acerca do sujeito e da proposição de uma ética.

Aproximando estes conceitos psicanalíticos com os Movimentos de Ocupação irei analisá-los como espaço simbólico de utopias enlaçado nesta ética. Contextualizarei o texto a partir da análise sobre as formas em que os regimes econômicos lapidaram as subjetividades para apresentar sua contrapartida, a partir dos movimentos de *Occupy* que estão acontecendo nas ruas.

Para a pesquisa, utilizarei a psicanálise como método de interrogação e escuta na interlocução de uma dimensão utópica. Esse método de leitura abre espaço para reflexão clínica como forma de tensionamento de saberes que tira o sujeito de um estado "comum". É a capacidade de formular questões que desafiam os saberes e nos confrontar com nosso "em falta" com o saber.

A conduta correta para um analista reside em oscilar, de acordo com a necessidade, de uma atitude mental para outra; em evitar especulação ou meditação sobre os casos, enquanto eles estão em análise; e em somente submeter o material obtido a um processo sintético de pensamento após a análise ter sido concluída. A distinção entre as duas atitudes seria sem sentido se já possuíssemos todo o conhecimento (ou, pelo menos, o conhecimento essencial) sobre a psicologia do inconsciente e a estrutura das neuroses que podemos obter do trabalho psicanalítico. Atualmente, ainda nos achamos longe

desse objetivo e não nos devemos cercear a possibilidade de conferir o que já sabemos e ampliar mais nosso conhecimento. (FREUD, 1912)

Considerando que o essencial na busca pelo conhecimento é a afirmação da própria insuficiência das categorias conceituais, lança-se o desafio de desfazer elos de saber já amalgamados em verdades totalizantes; é a aceitação do provisório mesmo no campo científico da construção do saber.

Sobre a pesquisa psicanalítica, Freud nos aconselha uma despretensão com a nossa pesquisa, as hipóteses aparecem no caminho, ou somente no final dela. Também recomenda o devido afastamento do objeto de estudo, uma distância ótima, mas cujas fronteiras podem ser maleáveis.

Uma das reivindicações da psicanálise em seu favor é, indubitavelmente, o fato de que, em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem; não obstante, após certo ponto, a técnica exigida por uma opõe-se à requerida pelo outro. Não é bom trabalhar cientificamente num caso enquanto o tratamento ainda está continuando – reunir sua estrutura, tentar predizer seu progresso futuro e obter, de tempos em tempos, um quadro do estado atual das coisas, como o interesse científico exigiria. (FREUD, 1912)

De fato, sequer consegui, mesmo tentando, escrever algo que fizesse sentido quando estava imersa no movimento, sobretudo quando estava dentro do acampamento. Eram apenas sensações. Esperava angustiada as palavras virem, pois elas tinham um prazo de entrega; mas elas só vieram, ocasionalmente, em forma de espasmos-inspiração. Palavras cruas, que, embora trabalhadas posteriormente, elaboradas (inclusive no sentido psicanalítico da palavra), deixaram seus restos e rastros pelo texto.

A perspectiva metodológica desta proposta de dissertação, portanto, visa a esboçar algumas articulações sobre o tema proposto, a partir do que emerge como discurso nos movimentos de ocupação articulados à rede simbólica do mundo contemporâneo, a posteriori.

CAPÍTULO 1

A VOCAÇÃO UTÓPICA DA PSICANÁLISE

1.1 - Dos fracassos da psicanálise às revoluções de 60

Numa tentativa de estabelecer uma hipótese, sob o prisma psicanalítico, acerca deste caldeirão contemporâneo, seus sujeitos e sintomas, é fundamental retornar a Freud, ressaltando os efeitos de ruptura utópicos, provocados a partir da criação de sua teoria, para depois chegar aos dias de hoje. Veremos que, desde então, a psicanálise já se anunciava com uma vocação utópica, o que contribuiu com movimentos de revolução futuros.

A psicanálise, desde sua criação no século XIX, vem transmitindo sua mensagem conflitante através dos tempos. Na medida em que propõe uma nova visão de sujeito, fora de um regimento moral e normativo, estremece os interesses das instituições de domínio vigentes, balançando os poderes coercitivos da medicina, ciência e religião – para citar apenas alguns.

Longe de ser uma prática “burguesa”, como muito já foi, e ainda é criticada, a psicanálise (e os locais onde ela se produz) por sua vertente crítica e analítica tem um significativo potencial revolucionário. Delineando, sem fortes contornos, uma ferramenta de função política, a psicanálise reverbera através de uma vocação utópica¹⁰.

A revolução que a noção do sujeito dotado de inconsciente provoca é digna de um “furor apocalíptico” não só na área das ciências humanas, mas também no laço social. Através da proposição de uma ética do não saber, a psicanálise instaura um caráter subversivo de denúncia do aprisionamento do sujeito às instâncias disciplinadoras de sua época.

¹⁰ Aqui faço uso da expressão de Fredric Jameson retirada do texto “O utopismo depois do fim da utopia” (2006, pg. 188)

Mas a o conflito não para por aí. Nos próprios movimentos de esquerda (sobretudo nas décadas de 60 e 70) surge a crítica à psicanálise como uma teoria despolitizada e, inclusive, de coadunar com a proposta de direita – moralizante, familiarocêntrica, adaptacionista!¹¹ Na época, a crítica era contundente ao uso da psicanálise e sua vertente americanizada pela “Psicologia do Ego”. O caráter político da obra Freudiana, no entanto, mesmo enfraquecido por esta prática, tomou nova força nos anos seguintes. Lacan, no seminário 17 “O avesso da Psicanálise”, de 1969, quando desdobra sobre os quatro discursos, reafirma o caráter sorrateiro de seus efeitos. “Estes lugares nos despertam da paralisia de um ideal que se esqueceu de nós. É preciso buscar um pensamento que surja do precário, da insuficiência das categorias conceituais e que ainda se interesse pela dor dos outros.” (SOUSA, 2007, pg. 12)

O caráter político da psicanálise – em detrimento de uma noção de “neutralidade política” suposta na mesma – foi questionado não somente pelos seus críticos, mas também pelos próprios psicanalistas. Vale lembrar que a neutralidade do analista que Freud propõe (de uma escuta amoral na clínica) se refere ao seu próprio desejo – considerando também que o analista é sujeito e, portanto, dotado de inconsciente – e não ao seu lugar social.

É na diversidade que a proposta da psicanálise se estende e se potencializa. A proposição de uma nova visão de sujeito e de uma ética da psicanálise vai além da proposição de ação direta política dos movimentos sociais e a atravessa. Podemos ver um pouco deste caráter nas palavras de Freud que seguem:

Em vista dos esforços extenuantes que se fazem hoje, no mundo civilizado, para reformar a vida sexual, será supérfluo advertir que a pesquisa psicanalítica está tão isenta de tendenciosidade quanto qualquer outra espécie de pesquisa. Não há nenhum outro objetivo em vista além de derramar alguma luz sobre as coisas, ao procurar que se revele o que está oculto. Será bastante satisfatório se as reformas fizerem uso dessas descobertas para substituir o que é prejudicial por algo mais vantajoso; mas não se pode predizer se outras instituições não redundarão em outros sacrifícios, talvez mais sérios. (FREUD, 1910[1909])

A formulação freudiana da teoria do inconsciente chega aos séculos XIX e XX desacomodando saberes e verdades, lançando, não só uma nova concepção de sujeito,

¹¹ É importante lembrar que a linha determinada como válida pelo Partido Comunista Internacional é a reflexologia oriunda da União Soviética, banindo a psicanálise como ciência burguesa e os psicanalistas das fileiras do Partido.

mas a proposição de uma ética. Freud, através de uma definição revolucionária de uma sexualidade desde a infância, coloca por terra a concepção consensual vigente da existência de uma “normalidade sexual” definida pela sexualidade genital do adulto, limitada à consumação do ato sexual, com fins de reprodução.

Freud ouviu os sintomas de seus pacientes, apontando que esses eram desejos sexuais intoleráveis para a consciência moral daquelas pessoas e que, portanto, se manifestavam transformados em sintomas. O desejo continuava presente, mas irreconhecível enquanto tal, aparecendo na forma de paralisias, compulsões, fobias, etc.

A grande clarevidência de Freud foi que os sintomas estudados por ele eram uma denúncia do que não ia bem naquela lógica social, identificando o que chamou de mal estar na civilização. O sintoma era, então, o êxito do inconsciente em enunciar um fracasso - o da tentativa de disciplinarização dos corpos e mentes. "Não seria esta a função ética da utopia de nos responsabilizar pelo que fracassa?" (SOUSA, 2007, pg.19)

No entanto, identificar o mal-estar não seria suficiente para uma "possível cura"; o paciente deveria ir além e analisar o que, em si, era conivente com essa produção de sintoma e responsabilizar-se pela conservação do mesmo. Do contrário, a psicanálise serviria apenas para apontar vítimas e vilões.

A clínica mostrava que, mesmo sem se dar conta, o neurótico estava comprometido ativamente na origem e manutenção dos sintomas de que padecia. A hipótese de uma etiologia inconsciente dos sintomas neuróticos nunca impediu Freud de falar em 'escolha da neurose'. (GOLDENBERG, 2006, pg.20)

Essa proposição utópica engendra o método freudiano elaborado em suas obras – elas estão permeadas por fracassos. A maioria dos casos publicados não teve, necessariamente, sucesso clínico.

Costumamos esquecer que os cinco grandes relatos clínicos de Freud são basicamente relatos de um sucesso parcial e de um fracasso definitivo; (...). Esse exame dos fracassos nos põe diante do problema da fidelidade: como redimir o potencial emancipatório de tais fracassos, evitando a dupla armadilha do apego nostálgico ao passado e da acomodação demasiado escorregadia às 'novas circunstâncias'. (ZIZEK, 2011)

Aqui podemos apontar mais um viés utópico do nascimento da psicanálise: Freud, mesmo com uma pretensão científica, deixava-se guiar pelos seus fracassos

clínicos como ponto de partida para a continuação de sua pesquisa acerca do inconsciente. “Não acredito mais em minha neurótica”, dizia ele na Carta 69 a Fliess¹² de 1897. E assim descobriu a noção de “realidade psíquica” e de fantasia.

Zizek (2011) aproxima esse potencial utópico da psicanálise ao do marxismo e afirma que estas são as duas únicas teorias que ainda praticam uma noção engajada de verdade. Não somente teorias de luta, mas a respeito da luta. Nas suas palavras:

(...) sua história não consiste num acúmulo de conhecimentos neutros, pois é marcada por cismas, heresias, expulsões. (...) a relação entre teoria e prática é propriamente dialética; em outras palavras, é de uma tensão irreduzível: a teoria não é somente o fundamento conceitual da prática, ela explica ao mesmo tempo por que a prática, em última análise, está condenada ao fracasso – ou, como disse Freud de modo conciso, a psicanálise só seria totalmente possível numa sociedade que não precisasse mais dela. Em seu aspecto mais radical, a teoria é a teoria de uma prática fracassada: “É por isso que as coisas deram errado...” Zizek (2011)

Entre outras consequências da formulação da teoria psicanalítica está o fato de que Freud não apenas deu ouvidos, mas deu voz às mulheres quando descobriu a outra cena da histeria, denunciando que o lugar proposto (ou imposto) àquelas mulheres, não correspondia ao seu desejo e que elas respondiam com o adoecimento conversivo do corpo.

Já em meados do século XIX movimentos de mulheres começavam a se esboçar nos Estados Unidos, Nova Iorque, exigindo melhores condições de trabalho. 50 anos depois, no início do Século XX, o movimento se internacionalizou com uma conferência em Copenhague que reuniu mulheres socialistas e organizadas em sindicato, firmando o Dia Internacional da Mulher. Mas somente em 1977 houve o reconhecimento internacional da ONU.



Figura 1 - Protesto em 1857 (NY, EUA)

¹² Cartas de Freud a Fliess. CARTA 69 [Viena, 21 de setembro de 1897].

Em 1969, estoura a Revolução Feminista liderada por Betty Friedeman junto com a Revolução Sexual da juventude. Estas Revoluções também foram impulsionadas pelo Maio de 68. O movimento se iniciou em Paris, na França, onde jovens estudantes que contaram com a adesão da classe operária saíram às ruas para protestar contra uma estrutura arcaica familiar, pela disciplina rígida dos sistemas educacionais e pela repressão sexual e de gênero. O cenário inicial foi a Universidade de Nanterre, liderada por Daniel “le Rouge”¹³ (vermelho em francês), um dos estudantes, que incentivou o mesmo manifesto para os estudantes da Sorbonne.



Figura 2 - Daniel Le Rouge encarando a Guarda (1969)

A sequencia foi o confronto policial que tomou os prédios da universidade e os estudantes e sindicatos educacionais que entraram em greve. Nessas manifestações ficam conhecidos os slogans “É Proibido Proibir”, “O Poder Está nas Ruas” e “A Imaginação no Poder”. Centenas de fábricas foram ocupadas e o número de grevistas chegou a 10 milhões. Bandeiras de Mao, de Fidel, de Che Guevara e de Lênin se juntaram às manifestações. Quase todos os setores da sociedade se envolveram. Pessoas de todas as idades discutiam em auditórios lotados e liam diariamente os boletins dos estudantes.

Uma nova eleição presidencial foi convocada na França para o mês seguinte, , no entanto, o presidente De Gaulle se reelegeu, derrotando a esquerda. Apesar da derrota

¹³ Daniel Marc Cohn-Bendit, foi líder estudantil protagonista do Maio de 68 em Paris. Atualmente é deputado e co-presidente do grupo parlamentar Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia e membro do partido ecologista Die Grünen

eleitoral, Le Rouge mostra que aquelas manifestações abriram uma brecha para um movimento social heterogêneo. “Perdemos no político, mas ganhamos no sociocultural”.

O “Maio de 68” repercutiu pelo mundo todo. No Brasil a incipiente, mas feroz Ditadura Militar já era altamente repressora, e, por esta razão, os jovens brasileiros, através dos diretórios estudantis, de passeatas e de manifestações, também se fizeram ouvir. Protestavam contra um país governado pela falta de memória e ausência de ética. Tanto na França quanto no Brasil, uma juventude unida e consciente de seus direitos e de sua força conseguiu fazer grandes transformações na sociedade.

Alguns anos antes, já se viam e ouviam movimentos de juventude precursores do “Maio de 68”. Também como reação à Ditadura Militar, acrescenta Coutinho (2006), as manifestações juvenis começam a invadir as artes.

O Cinema Novo com "Deus e o Diabo na Terra do Sol" e " Terra em Transe", ambos de Glauber Rocha. O Teatro de Oficina comandado por Zé Celso Martinez, com, entre outras, a polêmica peça "Rei da Vela". Na música, os intelectuais de esquerda produzem as chamadas canções de luta e Geraldo Vandré grava "Pra não dizer que não falei de flores", irritando profundamente a linha dura do exército que passa a censurar as obras dos artistas brasileiros. (COUTINHO, 2006)

A Música Popular Brasileira, o Rock, e o Tropicalismo lideram o espírito contestatário juvenil através da música. O Tropicalismo surge de forma alegórica, carnalizada, com alegria e crítica satírica e irônica, especifica Coutinho (2006), com o intuito de criar um estado subversivo, quase anárquico, de contestação dos paradigmas dominantes. “Foi um processo de reinventar as formas de manifestações, sem cair em retóricas ultrapassadas e através de metáforas artísticas subverter a ordem cultural vigente”.

Os protestos que se alastraram por todo o planeta em 1968. Enquanto a oposição à Guerra do Vietnã dominava os protestos (pelo menos nos Estados Unidos), também se protestava por liberdades civis, contra ostracismo, a favor do feminismo, e contra armas nucleares e biológicas.

Cidade do México, Berlim Ocidental, Roma, Londres e EUA viram muitas cidades pequenas protestos relativamente contra administrações universitárias. Em alguns países, como Espanha, Polônia, Tchecoslováquia e Brasil, os principais protestos eram

contra os governos repressivos. Em Paris, na Itália e na Argentina, os estudantes juntaram-se aos sindicatos nas manifestações.

Seria Freud um precursor destas Revoluções? Pode não ter sido premeditado mas, justamente, o lançamento em uma ética da utopia é não saber onde se vai chegar. Freud pode ter sido, em relação às mulheres, um homem do seu tempo: machista, conservador, familiar, mas a fidelidade à sua pesquisa o levou para um lado não previsto. Através do desvelamento do sofrimento humano colaborou com uma concepção de sujeito compartilhada pelas revoluções juvenis das gerações seguintes.

Casos que são dedicados, desde o princípio, a propósitos científicos, e assim tratados, sofrem em seu resultado; enquanto os casos mais bem-sucedidos são aqueles em que se avança, por assim dizer, sem qualquer intuito em vista, em que se permite ser tomado de surpresa por qualquer nova reviravolta neles, e sempre se o enfrenta com liberalidade, sem quaisquer pressuposições. (FREUD, 1912)



Figura 3 - Maio de 68 (Paris, França)

A proposição psicanalítica, como ferramenta de fomento a uma posição ética e utópica do sujeito, colabora para o reconhecimento da incompletude constitutiva do sujeito – um sujeito partido – em laço social e à abertura para este de novas possibilidades de existência que não a temida demanda do Outro. Sua tarefa é ser vigilante do lugar da falta. Mostrar que ela existe, é humana e que os discursos hegemônicos não responderão a tudo. "São estes tropeços que ainda restauram nossa humanidade e nos provocam o pensamento como pequenas pausas diante da fúria do bom funcionamento. Pensar é confrontar-se com o em falta da perfeição." (SOUSA, 2007, pg. 12)

O Sujeito pode se esforçar para manter o inconsciente calado e o sistema em mascarar uma ditadura de valores, mantendo os sujeitos acomodados, mas o próprio

inconsciente e o próprio sistema fazem função de fratura, anunciando um fracasso dos corpos em silenciar aquilo que “não pode ser dito”. “A utopia é a coragem de enunciar isto que está silenciado.”¹⁴ É nesse fracasso – do silenciamento do corpo, da fala através dos atos falhos, dos sonhos ou de uma sociedade inteira que se percebe aos poucos adoecida – que se tem acesso a essas brechas. Pois justamente, é a partir disso que falha que se abrem possibilidades de intervenção e de corte, seja enquanto ato analítico ou político.

A felicidade, no sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem que descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. (FREUD, 1929 [1930]), pg. 33)

1.2 - O Fracasso das revoluções de 60 e sintomas contemporâneos

“A utopia morre no empobrecimento dos desejos”
(Jacoby, 2007, pg. 216)



Figura 4 - Grafitti de Banksy "Follow your dreams"

É paradoxal pensar o destino destas revoluções como avessas às próprias utopias. O fracasso das revoluções de 60, no entanto, serve como ponto de partida para a continuação de um trabalho de recuperação do sujeito e de sua capacidade de desejo de utopia.

¹⁴ Anotações Seminário: Psicanálise, Arte e Utopia – Desfazer a forma, 2010. Professor Edson Sousa, PPG Psicologia Social e Institucional - UFRGS

Como Nossos Pais (1976)

*Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais.*

Na música acima, Elis Regina interpreta “Como nossos pais”, de Belchior, demonstrando todo seu desgosto de ver uma geração inteira cair num conformismo social depois de tantas batalhas e seu desejo em reacender a chama da luta por utopias.

A juventude dos anos 60 e 70 tinha como valores éticos e estilo de vida, conforme Birman (2006), a aventura e o risco. Queriam ocupar o poder político, mas também se confrontar e romper com as hipocrisias cristalizadas dos pais. A adolescência começava mais tarde e terminava mais cedo. Com o advento dos anticoncepcionais separa-se o erotismo da reprodução conferindo, por isso, outro domínio sobre o corpo e o desejo. A entrada das mulheres nas escolas e universidades produz outra inserção do universo feminino no espaço social. Há uma grande transformação na ordem da família nuclear moderna. Agora, pais e mães têm projetos existenciais próprios. Muitas e relevantes foram as conquistas políticas e sociais que herdamos dessas duas décadas.

Fora uma nova era do capital no pós-guerra onde a rebelião jovem tomou conta das democracias no mundo. Apesar disso, houve um refluxo do capital e cooptação dos sonhos nas décadas seguintes. Estabilizam-se as vanguardas, e elas instituíram mudanças no modo como o capital se faz acumular, principalmente através da arte e da cultura com a coação da produtividade econômica sobre as novas gerações. Foi na década de 60, pela via alternativa e na abertura de possíveis brechas que o capital utilizou como estoque de invenção para os anos de fluxo do capital.

A era dos totalitarismos evidentes fracassa, mas dá passagem a outro momento que Deleuze (1997) nomeia de passagem da Sociedade Disciplinar¹⁵ à Sociedade de Controle: o sistema capitalista toma força e muda sua estratégia: ao invés da coerção aberta, da docilização dos corpos, da disciplina impositiva, repressora e proibicionista, a lógica agora é de uma ditadura velada em que o capital é o comandante e onde as

¹⁵ Expressão apresentada por Foucault em “Vigiar e Punir” (1975).

instâncias de poder são feitas através de uma sedução ao sujeito pelo do controle do fluxo de informações e das atitudes que podem gerar novos processos de acumulação.



Figura 5 - Quadrinhos dos Anos 10 (Andre Dahmer)

Outros movimentos surgem nas lutas anti-globalização, justamente quando acreditava-se que nada novo ocorreria em termos de manifestação jovem. Um novo movimento surgirá das filas dos jovens desempregados na Inglaterra: o punk. Mas o capital se desterritorializa velozmente. Desmaterializa tudo, inclusive a arte. Ocorre que o emprego acabou.

As lutas geracionais recolocam em pauta as questões dos valores simbólicos frente aos valores econômicos. Não que seja um problema “jovem”. Aliás, alguns fazem crer que se trata disso. É um problema da vida e da renovação de suas forças que a busca por utopias põe em cena. As modalidades pré-fabricadas do desejo procuram definir nossa entrada no mundo em termos de sexualidade, saber de corpo, estética, ética. E a juventude, como um dos alvos centrais dessa mudança estratégica, não sai ilesa:

(...) as expressões de rebeldia juvenil foram controladas e manipuladas pelos grandes cartolas dos meios de comunicação de massa, criando um conjunto de estilos, modas e de modelos culturais especificamente juvenis. A rebeldia se transformou em consumo e o mercado veio ocupar o lugar da revolução. (DICK, 2006, p. 5)

O fortalecimento do capitalismo avançado e a maior ausência dos pais em casa marcam sorrateiramente a nova geração¹⁶, o que incide nas novas formas de subjetivação do sujeito contemporâneo.

A cultura ocidental contemporânea fora dominada pelos meios de comunicação de massa e passa a ser regida pela lógica do capital. Seus discursos produzem saberes e

¹⁶ Vale lembrar que, na América Latina, a década de 80 ficou conhecida como "a década perdida", não só em termos econômicos, como também de desenvolvimento cultural e político.

verdades que dizem respeito a uma produção de posição subjetiva apática e seu consequente laço social. Dentro desta lógica, pouco espaço é ofertado para as alteridades, para a inventividade, para que um sujeito se abra para novas significações e para que a juventude dê vazão ao seu caráter questionador da ordem. Neste sentido, o sujeito contemporâneo está intimado a construir-se a partir desse desamparo.

Novos sujeitos são produzidos – o homem pós-moderno – e novos sintomas eclodem a partir disso. Considerando-se este cenário, qual a importância de pensar o protagonismo político dos movimentos de ocupação entrelaçado com a vocação utópica da ética psicanalítica?

Provocar furos nesta realidade é um estilo de convocar o sujeito a uma produção singular de sentidos para sua existência como forma de driblar a hegemonia da produção massificada de subjetividades. Entender esta ética como guias de movimentos contraculturais – portanto políticos – é assumir que temos responsabilidade acerca do sofrimento psíquico humano enquanto sintoma social.



Figura 6 - Grafitti de Banksy em Gaza, Palestina¹⁷

Como se dá a produção subjetiva dentro deste contexto? No que se constitui a vocação utópica dos movimentos de ocupação? Do que eles dizem de um posicionamento ético enquanto político? Estas são algumas das perguntas que pretendo aprofundar em minha pesquisa.

O laço social mudou, mudaram os sujeitos, mudaram os sofrimentos. Então, o que a psicanálise Freudiana do século XIX e XX tem a nos dizer sobre isso? Se os sintomas são respostas às formas de laço social, Freud propõe que continuemos inovando o

¹⁷ oficializada pela ONU hoje, 6 de dezembro de 2012.

estudo psicanalítico acerca dos sujeitos de nossa época e os que estão por vir. É a ética do desejo que a psicanálise sustenta.

A partir das mudanças do sujeito moderno para o dos nossos dias, novas interrogações sobre como se constrói a subjetividade de quem nasce submerso na dinâmica social atual surgem. Que sofrimento psíquico esse sujeito nos traz, enquanto sintoma do laço social? Hiperatividade ou apatia? Depressão ou melancolia? Obesidade ou bulimia? Mania de limpeza ou hipocondria? Violência ou orgia? Euforia! Euforia! Euforia!

Inseridos no contexto de sociedade de massas, de revolução das comunicações e do império das indústrias culturais, uma boa parte dos sujeitos se vê crescentemente marginalizada dos processos de mudança estrutural da sociedade, sobretudo os jovens, passando a constituir grupos em transição que não têm muito claro o que querem e nem aonde vão.

Na lógica perversa deste modelo que prioriza o consumo indiscriminado, os técnicos do investimento lucrativo descobriram a força de venda da “intensidade juvenil”. No entanto, esta intensidade é capturada, retirada de múltiplos lugares antes ocupados e colocada em outro, não correspondente a um desejo, mas a uma demanda. O “novo” virou novidade! Foi posto a venda. É para comprar, vestir e jogar fora. Ao jovem passou a ser demandada a representação de um ideal de felicidade para adultos, crianças, velhos e para os próprios jovens, servindo de modelo narcísico para sua sociedade. Provoca-se, assim, um grande movimento de desterritorialização¹⁸ desta juventude.

Houve uma inversão de valores em que, agora, é o jovem que serve como ideal do adulto, e não mais o contrário. Sendo postos neste lugar de ideal social, pode criar-se uma onipotência neste sujeito “modelo”, que não percebe estar sendo, de fato, modelado de forma a ser cegado de seu lugar real. Quais seriam as consequências psíquicas dessa inversão? Algo como “o que você quer ser quando crescer?” Ser jovem! Se já sou, o que poderei buscar?

¹⁸ Expressão apresentada por Gilles Deleuze e Félix Guattari em “Mil Platôs” (1997).

Os estudos psicanalíticos de Lacan (2005 [1962-63]) assinalam que, para se apreender na experiência inaugural de reconhecimento no espelho, a criança se volta para o adulto. Esse adulto representa o Outro. Dele depende o valor da imagem. Como podemos pensar então esta inversão de valores onde não mais o adulto, mas o jovem representa este lugar? “A pergunta do Outro que retorna para o sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo, formulada como um *Che vuoi?* – que quer você?, é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo.”¹⁹ Segundo o que o laço social e os sintomas contemporâneos nos sinalizam, esta pergunta vem sendo calada pela “cultura dominante” e constitui o discurso do Outro: não se incentiva a pergunta “que queres?”, mas afirma-se “queres isso” sob forma de consumo: oferecimento de “objetos-falo” como aquilo que completará o sujeito. Sabemos que isso é um engodo, pois esse é um desejo que não é o meu, mas que me fazem acreditar que é – neste sentido, os sujeitos se privam do contato com sua “verdade” e permanecem escravos de uma relação de objeto que não diz do seu desejo. Como consequência a função de alteridade/desejo desses sujeitos está enfraquecida.

A juventude tornou-se o resultado de uma cultura sócioeconômica que os entende enquanto futuro (relacionados ao poder econômico) e, no presente, apenas como coadjuvantes. Neste lugar em que são colocados (ou do qual são retirados) não têm direito à voz, vez, espaço, poder e direitos e acabam, muitas vezes, aceitando e reproduzindo esse modelo em suas próprias consciências coletiva e individual.

Reproduz-se, assim, uma lógica perversa de um “sujeito ideal”, completo, alcançável através do consumo. Isto fala de um lugar desde onde se produz uma verdade, um saber. O que se está produzindo é uma alienação da falta fundamental que nos constitui. Assim reforça-se uma saída alienada da história do sujeito, porque é solitária e individualista.

Já não estamos mais falando de um sujeito social calcado, sobretudo, na idéia de repressão da sexualidade como o da sociedade moderna: o neurótico de Freud. Agora estamos à frente de um sujeito sem referências de base sólida, de uma cultura que se modifica tão rapidamente que não há tempo hábil para se assentar em uma identidade

¹⁹ Anotações do Seminário: Pesquisa Psicanalítica e Lógica Psicanalítica - Módulo II, 2011. Professora Marta D'agord, PPG Psicologia Social e Institucional - UFRGS.

territorializante. É um sujeito em desamparo. Agora, sua felicidade é mais que um direito, é uma obrigação que o perseguirá.



Figura 7 - Calvin, tirinha de Bill Watterson

Diferentemente da forma moderna de constituição do Supereu – mais castrador, moralista, no contemporâneo, é o próprio quem passa a ditar um “imperativo do gozo”. O Supereu não se enfraquece – ele continua rígido em ser categórico! - mas criam-se novas regras morais, novos valores, novas leis: a lei de que, quando se trata de sentir prazer, não há limites; vale tudo!

Segundo Lacan, "A função do Supereu é mandar gozar e proibir o gozo. (...) O gozo só pode ser dito nas entrelinhas por quem quer que seja sujeito da lei, já que a lei se funda nessa proibição (inter-dito)". (1998, p. 836). Neste caso, a “proibição” estaria em ser/mostrar-se infeliz, em sofrimento?

Para Kehl, “O imperativo do gozo substituiu a interdição do excesso, e embora gozar plenamente seja impossível para o ser humano, é este gozo que o Supereu, reproduzindo os discursos dominantes e os valores em circulação, exige dos sujeitos.” (1999, p. 94)



Figura 8 - "Quem barra o gozo perverso deles?"

Nessa lógica de pensamento, os ideais da sociedade contemporânea, veiculados pelos discursos hegemônicos, colaboraram para o fomento da alienação generalizada e desimplicação do sujeito no momento da construção de si mesmo e, por conseguinte, do social. Uma apatia típica da melancolia se reforça como modo de subjetivação importante.

Kehl (2004), aproximando os conceitos de melancolia com o de ressentimento, coloca que o ressentimento é o avesso do arrependimento: “instalado no lugar de queixoso, o ressentido não se arrepende: acusa.” (p.19) e nos explica de onde vem esta condição,

Este é o afeto característico dos impasses gerados nas democracias liberais modernas, que acenam para o indivíduo com a promessa de uma igualdade social que não se cumpre, pelo menos nos termos em que foi simbolicamente antecipada. Os membros de uma classe ou de um segmento social inferiorizado só se ressentem de sua condição se a proposta de igualdade lhes foi antecipada simbolicamente, de forma que a falta dela seja percebida (...) como privação. (KEHL, 2004, p.18)



Figura 9 - mensagem do *Ocupa Lisboa* que circulou na internet.

Esta imagem-mensagem, que circula na internet, resume e explicita o sofrimento do qual muitos padecemos. E passagem que segue pode servir para pensar os sintomas provocados por uma demanda do ideal contemporâneo: a ausência da falta (engodo) em que o outro (com “o” minúsculo) é visto como “completo” e “eu não”; como se “ele”

conseguisse responder à demanda do Outro. “Se há imaginarização (libidinização), o falo aparece como falta.”²⁰ Mas parece que há uma libidinização excessiva do real e imaginário (em detrimento do simbólico) onde o ideal de eu e o eu ideal ficam engrandecidos. E se o desejo está em articulação com o simbólico, o resultado disso não poderia ser outro se não o enfraquecimento da capacidade de desejar.

O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade: essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (angústia).²¹

De outro lado, a reação ao desamparo que esses discursos vêm produzindo pode aparecer como uma sintomática depressiva, o que não quer dizer que seja um “Transtorno Depressivo” ou uma estrutura melancólica, apenas uma depressão. O que as pessoas tomam como depressão talvez não seja mais do que uma reação esperada a um discurso tão perseguidor. Neste sentido Maria Rita Kehl coloca que os atuais deprimidos seriam como as históricas para Freud, que denunciavam o mal-estar da sua época: eles denunciam que os discursos, pervertem o processo desejante, são um engodo, os adoecem e, assim, se recusam a compactuar com os mesmos. A depressão está na contramão da euforia.

O depressivo é aquele que se retira da festa para a qual é insistentemente convidado [...]. A depressão, como sintoma social, é aquilo que resiste – ao imperativo do gozo, à fé na felicidade consumista, à própria oferta de possibilidades de traição da via desejante. (KEHL, 2009, pg.103)

Seria uma depressão ou um processo de luto por um ideal que fracassa? Assim como a proposta psicanalítica de responsabilizar o sujeito pelos seus sintomas e seu caráter de denúncia do mal-estar, o que os atuais movimentos sociais de ocupação vêm mostrando é uma contrapartida à lógica capitalística. Como uma alternativa a essas tendências, evidenciadas no laço social contemporâneo, os movimentos de ocupação – dentre diversos outros – que vão às ruas, retomam uma potência utópica que estava soterrada desde as revoluções de 60.

²⁰ Anotações do Seminário: Pesquisa Psicanalítica e Lógica Psicanalítica - Módulo II, 2011. Professora Marta D'agord, PPG Psicologia Social e Institucional - UFRGS.

²¹ idem 21.

CAPITULO 2 - REVOLUÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Os efeitos clínicos do fracasso das revoluções dos anos 60, com a retomada capitalista a partir dos anos 80, em toda sua forma subjetiva, tiveram consequências na estrutura social como um todo. O sistema político-econômico-subjetivo capitalista continua a se desenvolver, mas chega a um ápice cujos efeitos já não podem mais ser ignorados. É curioso que na era da globalização, onde a apatia parece ser o sintoma que alheia os sujeitos de sua condição no mundo, experimente agora uma contrapartida de proporções mundiais. Sobretudo, nos países ditos de “primeiro mundo” onde a economia especulativa teve seu maior espaço, um processo de colapso se inicia, pondo, desta forma, a lógica de funcionamento do atual sistema em xeque. Torna-se urgente pensar novas práticas sustentáveis de existência. Chegamos, então, a um outro momento histórico onde a rua volta a ser palco de protestos.



Figura 10 - Marcha Occupy, em algum lugar do Brasil

2.1 - Dos fracassos que nos movem

Novos movimentos sociais saem às ruas para repensar os rumos da história. Dentre eles, a “Ação Global dos Povos”²² que ficou conhecida, em 1999, por puxar um dos primeiros manifestos mundiais anticapitalistas em oposição ao Fundo Monetário Internacional (FMI), acordos como a ALCA (Acordo de Livre Comércio das Américas) e

²² Ação Global dos Povos (AGP) é um movimento radical e social de campanhas populares e ações diretas em resistência ao capitalismo e para justiça ambiental e social.
(http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_Global_dos_Povos)

ao encontro dos G7/8 em Davos²³, tendo sua maior expressão nos Estados Unidos, em particular, na cidade de Seattle.

(...) depois disso que se começou a falar do "povo de Seattle" que englobaria todos os que estavam juntos nessas manifestações: anarquistas, antimilitaristas, católicos progressistas, comércio justo, movimentos de camponeses, ecologistas, feministas, marxistas, media, Organizações Não Governamentais generalistas, Organizações Não Governamentais dos direitos humanos, Organizações humanitárias, pacifistas, sindicalistas, *think thank* e muitos outros grupos sem uma pertença específica a nenhuma organização ou ideologia específica. (HAGE, 2000)

Os protestos têm repercussão em dezenas de países e foi o propulsor originário do Fórum Social Mundial em 2001, o qual faz um levante às questões referentes a uma contrapartida ao capitalismo de forma propositiva e ativa por muitos anos. No entanto, foi perdendo força frente ao cenário político-econômico, não dando mais conta da demanda dos movimentos de juventude plurais. Em 10 anos de FSM, as instituições governamentais foram engessando a sua estrutura e, embora sua expressão histórica seja inegável, ele já não acompanha o atual cenário de mudanças que os novos movimentos apresentam.

O evento não deu conta de acolher a diversidade política pela qual a contemporaneidade clama e tampouco os anseios das novas possibilidades de reorganização do poder. (...) O que nos mostram os movimentos que eclodem no mundo inteiro é a urgência de uma nova forma de organização política. Debater os rumos da esquerda em um evento organizado pela sua versão cada vez mais adepta da cartilha mercantil parece ter sido a grande falha desse encontro festivo. (Jornal Tabaré, 2012)²⁴

O que temos visto nas militâncias estético-culturais nos dizem que habitar o planeta não é um plano pré-traçado pela junção de valores e acumulação de capital. Há mundos possíveis. Estratégias de recusas, resistências, alternativas e ações afirmativas manifestam isso e procuram responder a esta questão.

Os movimentos que surgem agora não são adeptos a uma cartilha, mas a uma mudança de paradigmas, questionam a democracia representativa e querem rever ou até abolir os sistemas de poder hierárquicos. São os "Ocupas"²⁵ que tomam as praças de

²³ Conferência ministerial da OMC (Organização Mundial do Comércio)

²⁴ Nota editorial do Jornal Tabaré, Número 10, Fevereiro de 2012.

²⁵ A nomeação desses movimentos pode variar: ocupa, acampa (em português), *occupy* (em inglês), acampada (em espanhol), entre outros. Embora a referência seja da língua de cada país, o uso é feito por todos, independente de nacionalidade. Também pode estar somente referida ao movimento ("*Toma La Plaza*", por

suas cidades para discutir questões públicas. Eles têm início na Primavera Árabe²⁶ e inspiram povos pelo mundo, tendo uma expressão especial na Espanha (Indignados) e nos EUA com o Occupy Wall Street (OWS), chegando ao Brasil e a outros países em 15 de Outubro de 2011 (150.).

2.2 - *Occupy* - Do princípio aos meios



Figura 11 - Logo Occupy

O movimento *Occupy* é um protesto internacional contra a desigualdade social e econômica. Seu objetivo principal é tornar as relações econômicas e políticas em todas as sociedades menos verticalmente hierárquicos e melhor distribuídos. Há diferenças substanciais entre estes movimentos. Grupos locais muitas vezes têm focos diferentes, mas entre as principais preocupações do movimento está a alegação de que o controle do sistema financeiro global do mundo pelas as grandes corporações acontece de uma forma que beneficia desproporcionalmente uma minoria, ameaça a democracia e é instável.

(...) Em dezembro de 2010 um jovem tunisiano ateou fogo ao próprio corpo como forma de manifestação contra as condições de vida no país em que morava. Ele não sabia, mas o ato desesperado, que terminou com a própria vida, daria consequência ao que, mais tarde, viria a ser chamado de Primavera Árabe. Protestos se espalharam pela Tunísia, levando o presidente Zine El Abdine Ben Ali a fugir para a Arábia Saudita apenas dez dias depois. Ben Ali estava no poder desde novembro de 1987.²⁷

exemplo), e não ser somente uma simples tradução. Há uma liberdade criativa dos movimentos para nomeação dos mesmos.

²⁶ Até a data, tem havido revoluções na Tunísia e no Egito, uma guerra civil na Líbia e na Síria; grandes protestos na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã e Iémen e protestos menores no Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental.

²⁷ http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_Árabe

O primeiro protesto a ter ampla cobertura foi o *Occupy Wall Street*, no Zuccotti Park em Nova York em 17 de setembro de 2011. Até 9 de outubro, os protestos já tinham acontecido ou estavam em andamento em mais de 95 cidades totalizando 82 países, e mais de 600 locais nos Estados Unidos. Embora mais ativo nos Estados Unidos, em outubro de 2011 os protestos tiveram alcance em mais dezenas de outros países em todos os continentes, exceto na Antártida.



Figura 12 - Mapa Mundial dos Occupy

Nos dois primeiros meses, as autoridades adotaram uma abordagem tolerante em relação ao movimento, mas isso começou a mudar em meados de novembro de 2011, quando eles iniciaram a remoção forçada dos acampamentos. Até o final de 2011 as autoridades tinham retirado a maioria dos principais acampamentos, com os últimos remanescentes em Washington DC e Londres - despejados em fevereiro de 2012.

Inspirado pela Primavera Árabe e pelos *Indignados* espanhóis, o movimento usa o slogan "Nós somos os 99%", e se organiza através de *sites* como o *Occupy Together*²⁸, além das redes sociais e mídias informais. O movimento Indignados espanhol teve início em meados de maio de 2011, ao que chamou de 15M (referente à data 15 de maio) com acampamentos em Madrid e em outros lugares e até o final daquele mês já havia centenas deles ao redor da Espanha e em todo o mundo. O 15M marcou o início dos movimentos de ocupação, embora seja muito mais comum ouvir dizer que ele começou em Nova York em setembro.

Em 30 de Maio de 2011, os Indignados - inspirados na Primavera Árabe, Movimento 5.18²⁹ de 1980, e Movimento Democracia de Junho³⁰ de 1987 - convocaram

²⁸ <http://www.occupytogether.org/>

²⁹ A Revolta Democrática de Gwangju refere-se a uma revolta popular na cidade de Gwangju, Coréia do Sul, de 18 a 27 de maio de 1980. Estimativas sugerem que até 2.000 pessoas podem ter morrido. Durante este período,

um protesto em todo o mundo para 15 de outubro. Em meados de 2011, o grupo canadense de Adbusters Media Foundation³¹, mais conhecida pela sua revista Adbusters com anúncios livres de anticonsumistas, propôs uma ocupação pacífica de Wall Street para protestar contra a influência empresarial na democracia, dirigir uma crescente disparidade de riqueza, e a ausência de repercussões legais por trás da recente crise financeira global. O endereço *web* OccupyWallStreet.org foi registrado em 9 de junho e foi abraçado, num efeito bola de neve, por milhares de pessoas do planeta. Uma das inspirações para o movimento foi a Vila Democracia criada em 2010, fora do Parlamento Britânico, em Londres. O protesto ganhou ainda mais força quando o *Anonymous*, um grupo de *hackers* da internet, encorajou seus seguidores a tomar parte nos protestos, convocando os manifestantes a "inundar Manhattan, montar tendas, cozinhas, barricadas pacíficas para ocupar Wall Street".



Figura 13 - Mapa-mundi Primavera Árabe e Occupy

Na Primavera Árabe, a luta parte do combate aos governos totalitários e ditaduras vigentes, clamando por democracia representativa. Os países ocidentais já passaram por este processo, com raras exceções. É uma luta "pós conquista democrática". O grito mais alto clama por "democracia real e direta", visto que a atual

os cidadãos levantaram-se contra a ditadura Chun Doo-hwan e tomaram o controle da cidade. No curso do levante, os cidadãos pegaram em armas (por delegacias de polícia e postos militares roubando) a opor-se ao governo, mas acabaram por ser esmagados pelo exército sul-coreano. O evento é às vezes chamado de 518, em referência à data o início do levante. Disponível em:

<http://en.wikipedia.org/wiki/Gwangju_Democratization_Movement>

³⁰ O Movimento Democracia de Junho, também conhecido como a Revolta de Junho, foi um movimento de democracia em nível nacional na Coreia do Sul que gerou protestos de 10 de junho a 29 de junho de 1987. As manifestações forçaram os detentores do poder a realizar eleições e instituir outras reformas democráticas que levaram à implantação da República Sexto, o governo atual da Coreia do Sul. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/June_Democracy_Movement>

³¹ Adbusters Media Foundation (chamada Adbusters ou Media Foundation) é uma organização sem fins lucrativos, anticonsumista, fundada em 1989 por Kalle Lasn e Bill Schmalz em Vancouver, Canadá. Eles se autodescrevem como "uma rede global de artistas, ativistas, escritores, estudantes, educadores e empresários que querem desenvolver um novo movimento ativista social da era da informação." Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Adbusters>>

democracia não representa o povo, mas os interesses de grandes corporações. Fica aqui a questão: se os países que estão na linha de frente da Primavera Árabe passarão pelo mesmo processo por que passamos após as revoluções de 60 - um sucesso em termos de conquistas governamentais e de Direitos Humanos, mas um fracasso em função da continuidade e reforço do sistema capitalista disfarçado de democracia. Gosto de pensar que a força de suas propostas e ações não permitirão tal engodo.

Podemos ver também no mapa dos ocupas (figura 12) a diferença dos movimentos de ocupação na América Latina para os da América do Norte e Europa. O Brasil está em ascensão econômica, por isso, o consideram “fora de crise”. No entanto isso não diz da disparidade de classes sociais ainda existentes. Tampouco fala da crise cultural e identitária. Que o Brasil não tenha aderido amplamente aos protestos não quer dizer que estejamos fora de crise, mas talvez que o povo brasileiro ainda não tenha constituído uma identidade de luta. Já nascemos colonizados e assim permanecemos.



Figura 14 - Pichação "Nossa crise tem 500 anos" em Porto Alegre

Já os países do Norte, em superdesenvolvimento, experimentam o gosto amargo da contrapartida capitalista como diz Kehl (2004) com um “exército de desempregados”. É interessante observar (e alertar) que as ocupações, tal como mostradas pela mídia de massa, parecem ter o caráter de reivindicar um lugar dentro do sistema. Como se o objetivo fosse "ter seu emprego de volta" ou "maiores salários" ou ainda "uma casa própria para morar". O fato é que foi necessária uma implosão do sistema para que se parasse para pensar que outra lógica é necessária.



Figura 15 - Cartaz Occupy "Democracy not found"

A noção de Democracia Direta pressupõe que seja ilusório acreditar que votar em representantes para exercer o poder seja um ato de liberdade, pois o sistema democrático representativo impõe intermediários entre as relações. Considera que esta forma de governo suprime a autonomia do indivíduo, a autogestão das comunidades, a soberania dos povos, sendo uma estrutura que costura uma rede de necessidades e crenças que levam indivíduos, comunidades e sociedades a não confiarem em seu poder de autodescoberta, de autorrevelação, de autodefinição, de governarem a si próprios. No entanto, nem todos os participantes dos ocupas clamam por democracia direta; uns têm uma tendência reformista, outros querem aniquilar o Estado e outros nem sabem o que querem, só sabem que querem mudar.

Os protestos já tiveram conquistas como a derrubada de ditadores do poder, mas, sobretudo, a conquista que se busca é colocar o sujeito no comando de sua cidade, em coletivo, retomar a noção de responsabilidade com a polis com a liberdade de dizê-lo e fazê-lo.

Os *Occupy* têm compartilhado algumas técnicas de resistência civil³². Entre os métodos estão: o ato de ocupar os espaços públicos com acampamentos, protestos não violentos, desobediência civil, passeatas, greves, ação direta e ativismo virtual com o objetivo de organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional frente às tentativas de repressão e censura na Internet por parte dos Estados. Tentarei explicar um pouco de algumas dessas "técnicas", as quais vejo mais como princípios teóricos que aos poucos vão sendo postos em prática (e não necessariamente têm sucesso).

³² Fonte: http://coletivooccp.blogspot.com.br/2008/10/manual-prtico-da-desobedincia-civil_21.html

A Desobediência Civil funciona como resistência pacífica; é a ação de não colaborar com as decisões tomadas em suposta representatividade. Desobedecer significa não colaborar com o sistema; entrar em conflito com sua ordem estabelecida. Nas palavras de Henry D. Thoreau, autor de *A Desobediência Civil*, *“O direito à revolução é reconhecido por todos, isto é, o direito de negar lealdade e de oferecer resistência ao governo sempre que se tornem grandes e insuportáveis sua tirania e ineficiência”* (2012 [1848] p. 11). Hannah Arendt em *“Crises da República”* (1969)³³ analisa a desobediência civil como um fenômeno político autêntico e positivo, diferente de outros conflitos com a lei, como a criminalidade de direito comum, a violência ou a resistência passiva, sendo uma das principais formas de participação política, ativa e legal na vida de um sistema democrático. A desobediência civil constitui um engajamento ativo no mundo e para o mundo e não pode ser reduzida a uma forma de “objeção de consciência”, pois não se trata de uma oposição do indivíduo à lei da coletividade, mas de um modo de expressão da própria liberdade política enquanto liberdade individual de participar ativamente na *res publica*. Arendt também salienta que não se trata simplesmente de uma reivindicação da “liberdade de expressão das opiniões pessoais”, mas ao “direito à comunicação”, ou seja, o direito de tornar público e visível o ponto de vista de uma minoria e legitimar cada opinião na construção de sociedade.

A Desobediência Civil pode ser feita, por exemplo, através da Ação direta. esta, por sua vez, é uma forma de ativismo que usa métodos mais imediatos para produzir *“mudanças desejáveis ou impedir práticas indesejáveis na sociedade, em oposição a meios indiretos, tais como a eleição de representantes políticos, que prometem soluções para uma data posterior, ou o recurso ao sistema jurídico”*³⁴. São exemplo de ações direta: passeatas e protestos constantes, greves, boicotes, ocupações dos locais de trabalho ou sabotagem. Quando Mahatma Gandhi e outros indianos fizeram sua famosa Marcha do Sal, indo ao mar coletar seu próprio sal ao invés de comprá-lo do governo colonial inglês, isto foi uma ação direta.

³³ ARENDT, Hannah. *Desobediência Civil IN Crises da República*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 49-90

³⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Ação_direta



Figura 16 - "Eu não estou perturbando a paz, eu estou perturbando a guerra"

Dentro das táticas de organização está o ativismo virtual, ou *cyber* ativismo. É a ampla comunicação dos integrantes através da internet - seja por redes sociais abertas ou fechadas (como o *Riseup*), *email*, *blogs*, ou *chats* em geral. Além disto, o movimento não colabora com a mídia de massas, produzindo seus próprios meios de comunicação como Zines, jornais comunitários, ou cria uma rede de suporte e apoio com os meios de comunicação alternativos já existentes. Desta forma encara-se o desafio de criar a modos de expressão próprios e de construir uma rede de informações independente que gerem críticas e propostas.

A autonomia também é um conceito cultivado pelos *occupyers* como a liberdade dos indivíduos de fazerem suas próprias escolhas, sem um sistema de controle ou sugestão ideológica com o propósito da possibilidade de opção dos sujeitos por seus destinos, das pessoas com as quais se possa dividir afinidades, trabalhar e unir, sem interferência de autoridades ou submissão a alguma hierarquia. Autonomia é ter a oportunidade de governar a si próprio.

Há, ainda, o conceito de "autonomia de luta" que consiste em não necessitar se filiar a algum partido ou formar algum movimento para agir. O essencial é a decisão de lutar, de levar adiante a atitude de desobediência ao sistema. A multiplicidade de organizações fortalece a luta. Qualquer pessoa de qualquer coletivo (inclusive partidários) pode aderir, desde que não traga sua prática como uma bandeira, mas sim como uma marca.

Procura-se praticar a solidariedade, ao invés da lógica de competição, com a proposta de romper com o paradigma da competição, da propriedade do pensamento, da exploração do trabalho, e preparar-se para a possibilidade de coexistência. Acredita-se que a cooperação voluntária nasce somente a partir de homens livres, não oprimidos e não alienados. Esta solidariedade não seria somente entre humanos, mas entre qualquer forma de vida: rejeita-se, por exemplo, o especismo (noção de poder e superioridade sobre a natureza), busca-se romper com o antropocentrismo, visto a emergência de um colapso ecológico. Muitos dos participantes também rejeitam a divisão política de fronteiras e o nacionalismo, chamando isso de "internacionalismo", entendendo que o nacionalismo é uma ferramenta usada pelos dominantes para criar um sentimento de unidade numa sociedade dividida, o que impede de compreender que somos uma comunidade planetária.

Outro conceito explícito que opera nos Ocupas é a rejeição à ideia de representação. Há uma proibição explícita do "representar"; não se pode falar em nome do *Occupy*. Em primeiro lugar, porque os Ocupas são contra a política eleitoral - é um princípio. É uma resposta concreta à falha do estado em endereçar a crise financeira de forma satisfatória ou sem evidentes interesses de classes. As crises financeiras dos EUA e Europa iniciaram em 2007, o *Occupy Wall Street*, em 2011. Esse intervalo evidenciou uma crise na política representativa, não somente em âmbito executivo, mas também judiciário. Quando as corporações passam a ter maior garantia de direitos constitucionais do que pessoas, e quando o dinheiro torna-se sinônimo de "liberdade de expressão", há uma perda da legitimidade nesta democracia. Os Ocupas surgem daí.



Figura 17 - "Corporações não são pessoas"

Os "ocupas" também evitam reivindicar direitos como um objetivo direto. Mary Ann Glendon³⁵ afirma que nossos direitos falam e que seu absolutismo produz expectativas irreais e podem esconder conflitos sociais, pois isso inibe conversas que

³⁵ Mary Ann Glendon, *Rights Talk: The Impoverishment of Political Discourse*, 1993, p. 14.

podem levar a um consenso ou, ao menos, descobrir um chão comum. *"In its insularity, it shuts out potentially important aids to the process of self-correcting learning. All of these traits promote mere assertion over reason-giving."*³⁶ (1993, p.14) Isto, sem dúvidas, frustra os observadores e os críticos que querem identificar uma liderança com uma mensagem clara. Na falta disso, critica-se a horizontalidade e chamam o movimento de desorganizado e sem foco.

A produção de consenso é a essência da prática política dos ocupas. Cada ocupação ou encontro adotou a dinâmica de assembleia geral para tomar cada decisão. As decisões feitas dentro de cada ocupação são feitas por consenso ao invés de por votação, no entanto este consenso não é baseado no fato de todos pensarem e concordarem com uma mesma coisa, mas pelo balizamento dos valores postos em xeque e peso das consequências. Por exemplo, "falar ou não às mídias de massa?". Por um lado havia a possibilidade de deturpação da mensagem, por outro, a visibilidade maior do movimento – positiva ou negativa, mas que provocasse a sociedade. Resolução: tendo a liberdade de expressão como um valor maior, decidiu-se que, quem o quisesse, poderia falar à grande mídia, no entanto, nunca em nome do movimento e sim, salientando, que sempre se fala como opinião singular. Também se resguardaria o anonimato de quem assim o desejasse.

Muitas vezes o quórum das assembleias ultrapassavam a capacidade de audição de todos, mas nem sempre dispunha-se de um microfone ou megafone. Nestes casos, usa-se a técnica do microfone humano, onde quando um fala, os que estão envolta repetem, de forma que todos escutem.³⁷

Todas essas técnicas, táticas e princípios são um grande desafio para os participantes dos Ocupas, e cada coletivo irá lidar com suas questões à sua própria forma. Um dos pontos que acredito serem dos mais importantes neste processo é a ênfase que se dá às condições físicas e reais para suas ações políticas sem idealismos teóricos. Sustenta-se:

³⁶ [tradução minha] Na sua insularidade, impede a entrada de ajudas potencialmente importantes para o processo de aprendizagem de auto-correção. Todas estas características promovem mera afirmação sobre a justificativa.

³⁷ http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=eu9BWlCRwPQ#! [zizek falando no OWS]

(...) a não reverência a um teórico, a ausência de um herói intelectual, no qual suas palavras acabem por se tornarem dogmáticas. Doutrinar significa cercar o indivíduo dentro de uma interpretação de mundo dada, estabelecida por uma ideologia de classe; e isso impossibilita a experiência própria, a perspectiva múltipla e o direito a uma alternativa de nossa própria escolha.³⁸

O que há entre a teoria e a prática? O que se produz nestes encontros plurais? Como têm sido estas experiências? Funciona? E quando não funciona? O que fazem dos tropeços? No subcapítulo que segue, relato quatro momentos de experiência com o movimento, onde tento responder a estas perguntas.

2.3 – Relatos de experiência.

2.3.1 - Quinze (u)Ó

Em Outubro de 2011, tive meu primeiro contato com o *Movimento Occupy*. *Indignados*³⁹ do mundo são convocados a saírem às ruas e se fazerem ouvir. Mais do que se fazerem ouvir, ouvirem uns aos outros, abrir espaço para o diálogo e para construção conjunta de alternativas futuras. Uma iniciativa dos acampados espanhóis utilizou as redes sociais da internet para fazer um chamado a todos aqueles que buscam mudanças no cenário social.



Figura 18 - Cartaz "Indigna-te" na Espanha

³⁸ Disponível em: <http://coletivooccp.blogspot.com.br/2008/10/manual-prtico-da-desobedincia-civil_21.html>

³⁹ Como o movimento se autoproclamou na Espanha.

Em Porto Alegre, o “150.” tem repercussão e cria-se um “evento” via *Facebook*. Cada indivíduo e/ou coletivo se organiza para estar na Praça da Matriz, chegando em marcha desde o Parque Farroupilha. No parque, sobressaem-se três grupos: o *Anonymous*, com a máscara do filme “V de Vingança”, que se tornou símbolo dos movimentos de protesto no mundo todo; um grupo da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) com bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul que exigiam o fim da corrupção e o “*Juntos*”, slogan de um grupo do *PSOL* (Partido Socialismo e Liberdade) com a bandeira socialista. Em menor número a Juventude Petista, um grupo chamado “*Latinos Independientes y Indignados*” e pessoas “independentes”, como gosto de chamar, os sem-grupo, mas tão indignados quanto, como era meu caso no dia.

Já de início uma discussão: seriam permitidas bandeiras partidárias? Se a ideia era construir uma alternativa, conjuntamente, deveriam contar as causas, não as bandeiras. Não houve cedência. O “*Juntos*” não só fez a chamada⁴⁰ como organizou o evento inteiro: atividades culturais e de debate (o que era para ser a assembleia geral) e, inclusive, um palco central para shows com bandas porto-alegrenses; tudo com o financiamento do próprio governo⁴¹.

Através de um megafone, o coordenador do partido mencionado convoca a todos à assembleia geral com o tema das grandes corporações, o capital especulativo e as injustiças sociais. Parecia consonante, não fosse o fato de haver pessoas (do partido) escolhidas para falar, com tempo ilimitado, e de que, somente depois de suas falas, o debate seria aberto ao público com tempo limitado. O encontro fora “cooptado”, pecando na mesma questão antes mencionada ao FSM e acabou virando palanque eleitoral para arrecadação de votos.

Durante o encontro, outros grupos menores experimentavam uma organicidade maior e debatiam temas gerais com a proposta de horizontalidade. Até que começaram os shows. O volume era alto o suficiente para que os debates fossem impedidos de continuar acontecendo. A praça encheu-se de pessoas que vieram para ver os *shows*, dentre eles do renomado Tonho Crocco. Este formato de evento é costumeiro nos meios

⁴⁰ Chamada para o 15.O: <http://juntos.org.br/2011/10/15-de-outubro-15-o-%E2%80%93-porto-alegre-ocupar-a-praca-da-matriz/> e vídeo: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=6kk3gWS_Dw8

⁴¹ Programação do evento: <http://juntos.org.br/2011/10/programacao-do-juntos-no-15-o-em-porto-alegre/>

político-partidários; é uma fórmula inexorável de aglomeração de pessoas popularmente chamado de “showmício”.

Não fiquei para ver o desenrolar da acampada (a ideia era ficar de um dia para o outro), mas pus-me a questionar o centralismo daquelas ações. Eu já vinha estudando os efeitos subjetivos do enfraquecimento das manifestações populares pós-revoluções dos anos 60 e os novos movimentos de juventude; estava esperançosa com a possibilidade da criação de novos horizontes no campo não só político, mas de todo um paradigma social que os movimentos *Occupy* simbolizavam. Não poderia imaginar, no entanto, que em Porto Alegre ele configurar-se-ia no velho molde partidarista-representativo.

Aliás, esse modelo de democracia representativa - onde alguém é eleito, por voto, para representar o povo - é justamente o que está colocado em xeque. Em contrapartida, o que se pede, em alguns desses movimentos, é a democracia real ou direta. A Real Democracia seria um regime político, sem partidos, em que o cidadão participa diretamente da administração de seu país através de votações populares, mais conhecidos como plebiscitos. O objetivo é experimentar e desenvolver um regime político verdadeiramente democrático e participativo. Não há propostas fechadas com relação a isso, pelo contrário, as proposições variam de lugar para lugar; alguns pendem para a anarquia - inexistência de um estado regulador, e outros sequer dão um nome para o que ainda não pode ser definido.



Figura 19 - Ocupa dos Povos, contra a Rio +20 (RJ, 2012)

2.3.2 - Ocupa POA e o "Onze do Onze do Onze"

Em 11.11.11, há um segundo momento de chamada global de saída às ruas. Em Porto Alegre, muitos estavam frustrados com o palanque eleitoreiro feito do 15.O, no entanto, isto serviu de alavanca para uma nova configuração organizativa do próximo evento. Os princípios foram balizados de acordo com as ocupações que aconteciam nos outros países: apartidarismo, horizontalidade e não representatividade. Assim nascia o "Ocupa Poa"⁴².



Figura 20 - Logo Ocupa POA

Desde então, o movimento já passou por quatro momentos de acampada. O primeiro, de 11 a 13 de novembro de 2011, ocupou o Largo Glênio Peres. O segundo, de 9 a 12 de dezembro de 2011, ocupou a Praça da Matriz, para onde voltou no terceiro a partir de 20 de dezembro de 2011, onde ficou por três meses e meio. E o quarto, em frente à Prefeitura, de 12 a 15 de maio, em comemoração de 1 ano do 15M.

Através de um grupo aberto na internet e três reuniões presenciais, organizou-se o primeiro evento e, em 10 dias, assentou-se acampamento no Largo Glênio Peres, Centro da cidade. A forma organizativa de autogestão possibilitou que uma diversidade maior colaborasse na sua construção e uma das questões que nos impulsionava era a dúvida de como conciliar tanta diversidade. A questão permanece.

Tudo foi discutido coletivamente, sem líderes, uma característica nova destes movimentos. Neles, as decisões foram tomadas através de debates e por consenso,

⁴² "O Ocupa Poa tem como princípios ser: "Movimento político-cultural, estritamente apartidário, sem hierarquia e representantes, autogestionado, de desobediência civil, não violento, antioorporativista/contra o grande capital e pró cidadania, visando a ocupação das ruas e praças de Porto Alegre, em consonância com as ocupações pelo mundo (Egito, Espanha, Nova York, São Paulo, Rio de Janeiro, etc.). Nenhum partido, empresa, ONG, sindicato, chapa, político, pessoa jurídica nos representa (mas todos são livres para simpatizar)." (Texto produzido coletivamente e publicado na internet < <https://www.facebook.com/groups/ocupapoa/> em 2011)

quando há. Assim, a primeira experiência do Ocupa POA contou com a colaboração de uma rede de ativistas e a circulação, naquele final de semana (do 11.11.11) de aproximadamente mil pessoas.

A programação contou com debates de temas variados, apresentações musicais, teatro de rua, oficinas, aulas abertas, experiências coletivizadas, sempre com o caráter autogestionário. Qualquer pessoa que desejasse propor alguma atividade era livre para fazê-lo, no entanto, a liberdade não era somente sugestível, mas da responsabilização do mesmo em fazer a atividade acontecer.

O movimento também teve que lidar com algumas adversidades. A variação climática entre o sol escaldante da tarde com pouca ou nenhuma sombra e as ventanias que quase levavam as barracas embora, a grande população de rua que por lá circula (estavam em casa) estavam bastante interessados e variavam entre explosões de raiva e pedidos de voz – aos quais atendíamos pacientemente, mas que exigiam uma energia extra – e a violência característica do centro da cidade, sobretudo à noite, quando nos revezávamos fazendo vigília. Um cenário que não seria tão exaustivo se fosse cuidado por todos os participantes. O que se viu, entretanto, foi o empenho maior de alguns e a espera de atividades prontas por outros.

A dinâmica funcionou durante dois dias. No terceiro, apenas um número bastante reduzido de pessoas apareceu. O esvaziamento do evento ficou evidente, mas não os motivos do mesmo. Na insistência daquelas poucas pessoas em permanecer, reestruturou-se o espaço físico do acampamento e ficou-se na espera da chegada de mais pessoas, mas as adversidades (já citadas acima e adicionadas a um feriado que esvaziou a cidade) levou-nos a optar pela saída do local.

Estávamos frustrados com o esvaziamento do movimento em Porto Alegre. Onde estavam aquelas mil pessoas? Descansando? Trabalhando? Divertindo-se em alguma viagem? Não acreditaram o suficiente no movimento? Acreditaram que todos os outros estariam lá e “só ele não”? Quais foram os prós e os contras? O que se havia produzido naquele encontro? Podíamos estar frustrados, mas não derrotados. O que poderia parecer um fracasso do movimento nos levou a levantar questões ao invés de certezas. Eis o ponto chave que engancha a dimensão da ética do não saber, uma utopia

que não se deixa abater pelo primeiro obstáculo, mas põe a analisar os passos e a produzir mudanças que nos balizariam para as próximas ações.

Desde então venho me perguntando sobre o caráter utópico desses movimentos. Não somente em Porto Alegre, mas ao redor do mundo. Em um dos acampamentos, durante o Fórum Social Temático, tivemos um encontro coletivo com a presença de *occupyers* de diferentes países⁴³, além de outros estados do Brasil⁴⁴, onde trocamos nossas experiências e vimos o quão semelhante eram os dilemas das acampadas.



Figura 21 - Encontro Internacional de Ocupas (POA, fev. 2012)

2.3.3. Na Matriz ou na Matrix?

O segundo e terceiro acampamentos podem ser vistos como um só. O intervalo entre um e outro fora pequeno o suficiente para podermos considerá-lo como uma pausa para descanso. Deslocamo-nos para a Praça da Matriz, no dia 8 de dezembro de 2011, em função do Dia Internacional dos Direitos Humanos e pela mobilização que estava sendo feita pelo *Anonymous*⁴⁵ para a o Dia do Basta⁴⁶, uma marcha contra

⁴³ Tunísia, Grécia, França, Indignados de Espanha e Occupy Wall Street, dos Estados Unidos

⁴⁴ Acampa Sampa, Ocupe Brasília, Ocupa Rio, Ocupa BH, Indignados Floripa.

⁴⁵ Na sua forma inicial, o conceito tem sido adotado por uma comunidade online descentralizada, atuando de forma anônima, de maneira coordenada, geralmente em torno de um objetivo livremente combinado entre si e voltado principalmente a favor dos direitos do povo perante seus governantes. A partir de 2008, o coletivo *Anonymous* ficou cada vez mais associado ao “hacktivismo” colaborativo e internacional, realizando protestos e outras ações, muitas vezes com o objetivo de promover a liberdade na Internet e a liberdade de expressão. Ações

corrupção no Brasil. Não participaríamos da marcha, mas receberíamos no acampamento os interessados em se juntar ao Ocupa POA. Tínhamos muitas opiniões com relação ao *Anonymous*, sua postura política e, sobretudo, com relação à Marcha Contra Corrupção. Estávamos um tanto céticos e ressabiados com o que considerávamos ser um movimento que trata a corrupção como se fosse uma causa, e não uma consequência do tipo de lógica/paradigma atualmente compartilhado no laço social. Não se combate um fenômeno, e sim suas causas e correlações, sobre as quais, mais provavelmente, teremos poder de ação.

Conversamos longamente aquela noite. Esclarecemos dúvidas e desconstruímos alguns preconceitos. No final concordamos que tínhamos mais em comum do que imaginávamos e era válida a união de nossos participantes. Pautávamo-nos pelos mesmos princípios de apartidarismo, horizontalidade e não violência. Abraçaríamos as nossas diferenças e as discutiríamos no caminho.

Continuamos o acampamento nos mesmos moldes do anterior; com os mesmos princípios e metodologia. Poucas pessoas, no entanto, compareceram (em comparação ao 11.11.11). Menos pessoas ainda abraçaram o acampamento. As que abraçaram, contudo, estavam determinadas a ficar ali. Sabiam que seria mais trabalhoso, mas possuíam uma energia ímpar de investimento. O que seria um acampamento de final de semana, durou a semana inteira. Saímos da praça por estarmos em número pequeno; além de estar com dificuldades na proposição de atividades, não sustentávamos nossa própria segurança, sobretudo à noite.

Saímos por uns dias da praça, mas voltaríamos dia 20 de dezembro para receber a Marcha Xingu Vivo⁴⁷, mobilizada pela causa ecológica e das comunidades indígenas contra a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. A Marcha cruzaria o Brasil,

creditadas ao *Anonymous* são realizadas por indivíduos não identificados que atribuem o rótulo de "anônimos" a si mesmos. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anonymous>)

⁴⁶ O Dia do Basta é um movimento social, pacífico e sem fins lucrativos, cujo objetivo é o resgate da ética e da moralidade no Legislativo, Executivo e Judiciário brasileiros, em todos os níveis da administração pública. O movimento busca a aprovação do Voto Aberto Parlamentar, o fim do Foro Privilegiado e classificar a corrupção como Crime Hediondo em termos de leis.

⁴⁷ Marcha Xingu Vivo - contra o projeto da Usina de Belo Monte - é uma jornada de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul na região Sul à Altamira, estado do Pará na região Norte do Brasil, com o objetivo de promover um Plebiscito Nacional sobre a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, e todos os projetos existentes na bacia amazônica; a Preservação Permanente do rio Xingu, Bacia Hidrográfica Amazônica, Floresta Amazônica, todos os Parques e Reservas Ambientais do Terra; a proteção e paz aos Povos Tradicionais da Terra e os poderes horizontais para todos os Povos da Humanidade. (<http://marchaxinguvivo.blogspot.com.br>)

passando pelos acampamentos dos Ocupas ao longo do caminho, iniciando por Porto Alegre.

No final, acabamos rachando com a Marcha, por considerá-la em desacordo com os princípios dos Ocupas: organização não horizontal, proposta de arrecadação de verba através da formação de uma ONG e falta de transparência por parte da organizadora.⁴⁸

O acontecido também nos uniu como grupo, nos aproximou, no entanto, era uma união baseada no repúdio a alguém. Um tipo de união frágil e sintomática, mas que nos ajudou a seguir. Decidimos ficar na praça, mesmo tendo rachado com a Marcha e mesmo depois de ela partir. Queríamos provar que nossa causa era maior do que um "desentendimento".

A dinâmica do acampamento continuava a mesma. Vieram novas pessoas, saíram outras; arranjando-nos como podíamos. Nas noites tentávamos espairecer e convidávamos amigos para juntarem-se ao acampamento num momento mais festivo. Esses eram os momentos de maior interação com as pessoas de fora do acampamento. Parece que a informalidade facilitava essa troca.

A solidariedade também era uma das características mais fortes do grupo e nos Ocupas em geral. Uma dinâmica de laço social responsável pelo outro, de responsabilização mútua pelo coletivo. Revezávamo-nos nas tarefas; saíamos em busca de doações e material para reciclar; tínhamos uma caixinha do Ocupa para colaborações espontâneas em dinheiro. Quem era jornalista escrevia sobre o movimento, quem ficava em casa ajudava na divulgação, quem era do teatro fazia oficinas de teatro, quem era da biologia puxava debates sobre ecologia e assim por diante. Os que moravam próximo à ocupação cediam suas casas para as pessoas tomarem banho, fazerem refeições, dormirem uma noite ou outra. Outros, que não estavam acampados, traziam comida, material para fazer cartazes, material de higiene, ou simplesmente vinham nos contar de sua admiração pela coragem do movimento. Cada um contribuía com o que podia, como vários braços que ampliavam o alcance e aumentavam a rede de participação colaborativa do movimento.

⁴⁸ Poderia versar muito mais sobre esse acontecimento, mas não vem ao caso o detalhamento. Posso dizer, entretanto, que ali fora o primeiro embate entre as "personalidades fortes" que habitavam a ocupação.

Com o passar dos dias, os papéis de grupo foram se solidificando. Mesmo com o princípio de horizontalidade, reforçaram-se algumas lideranças. Até aí, tudo bem; lideranças são bem-vindas no que toca à organização do acampamento e pró-atividade. Eu mesma considero ter sido uma no primeiro acampamento. Naquele caso, ficamos, eu e algumas outras pessoas, como referência para as pessoas que chegavam. Tomávamos o cuidado para que esse papel circulasse. O problema com relação a esse papel apareceu mais tarde, quando parou de circular e se transformou em um "medidor de engajamento". Comecei a observar algumas repetições da lógica contra qual estávamos lutando. Desde o narcisismo das pequenas diferenças, o aparecimento escamoteado de líderes, lideranças inclusive um tanto tirânicas! Autorizavam-se pelo tempo de estadia e quantificação do sacrifício disposto (mensurado pela quantidade de tarefas feitas, permanência no acampamento nas tardes de calor, quem ficava acordado à noite para fazer vigília ou quem acordava cedo para dar continuidade às atividades. Comparações e disputas internas se tornaram comuns.

Uma boa parte das pessoas estavam extremamente abatidas pelo cansaço de lidar diariamente com a violência das ruas – seja a violência policial, dos carros, de não contar com paredes que limitariam uma intimidade, seja esta mesma violência acumulada por anos pelos moradores de rua que se juntaram ao movimento como que para se proteger da rua. Mas houve uma insistência, beirando a teimosia, de continuar acampado. Mesmo com todas as dificuldades, exaustão e esvaziamento, uns faziam questão de não sair da praça, como um ato de resistência - palavras bonitas para um revolucionário. Alguns tentavam salientar a importância de "dar um tempo" para repensarmos nossas ações, para descansarmos. No entanto, a ideia de sacrifício era mais forte e "valiosa", como um ato heroico.

Neste momento passei a me afastar da ocupação, e sofri as consequências disso. "Decide quem está aqui", tem poder de voz quem sacrifica seu conforto, "internet não conta". O contrário disso era sinônimo de burguesia! Serviu-me o chapéu, então fui me sentindo cada vez menos autorizada a falar e a colaborar com meu conhecimento e parca experiência de ativismo frente às pessoas que estavam lá e se declaravam extremos sabedores de como se faz uma revolução. O narcisismo das pequenas diferenças imperava! Todos queriam ter razão, todos achavam que sabiam como tocar o

acampamento. "É só dividir as tarefas", mas quem decide o que é prioridade? A sensação de ter uma ideia sua aprovada pelo coletivo era de inflar o ego!

As subjetividades não estavam em questão. Uma posição dos movimentos políticos de esquerda que me lembra bastante a visão marxista que reflete certo exclusivismo de suas ações e reflexões nas esferas política e econômica e é fundamentado em uma leitura mecanicista do determinismo. O pragmatismo e a quase exclusividade que se dá aos aspectos de classe, acaba por suprimir questões que dizem respeito às subjetividades em questão. É válido priorizar os objetivos, o racional, desde que não se negue o subjetivo, o emocional, a psiquê. Paixões, desejos, sentimentos, nunca foram bem aceitos pela esquerda clássica. Não creio que seria o caso de uma "terapia de grupo", mas a noção que Freud nos apresenta sobre o sintoma, retorno do reprimido, a ética do desejo, narcisismo, etc., teria ajudado a entendermos um pouco sobre nossos posicionamentos e, inclusive, identificarmos papéis que existem no processo grupal para podermos trabalhá-los internamente. Infelizmente, para grande parte da esquerda, e o que se repetiu no movimento de ocupação, esses aspectos não passavam de "desvios pequeno-burgueses".

Depois de um tempo sem frequentar a praça, cada vez que eu voltava precisava me identificar, fazia questão e estava desesperada por reconhecimento (sintoma do grupo) "fui eu que iniciei o movimento em POA!!", eu sou da "vanguarda", saibam e reconheçam a minha importância!! Eu sequer percebia o quanto tinha entrado no sintoma do grupo (que as pessoas se recusavam a discutir - talvez estavam imersas o suficiente para não se darem conta, apenas atuar o sintoma, como eu). Interessava-me pelas fofocas internas, havia muitas! Isso tudo com a pressão social (vizinhança, governo, polícia) de sairmos dali. Precisávamos convencer os outros (e a nós mesmos) de que "estava tudo bem".

Por outro lado, o movimento deu espaço às questões culturais e identitárias. Estas demandas se mesclaram às questões políticas levantadas de forma a analisar as forças em jogo. A maior parte dos ativistas são jovens, de classe média e média-baixa, ligados à contracultura, estudantes universitários, alguns vegetarianos, etc. Isto facilitava e reforçava a cultura militante e de uma identidade coletiva que se refletiam em um determinado estilo de vida. Os assuntos de interesse, no que ia para além da política,

aproximavam os ativistas: a idade, a classe de origem, o local de estudo; tudo isso naturalmente criava um perfil do movimento. Havia exceções (militantes mais velhos, não ligados à contracultura, da classe trabalhadora, moradores de rua), mas o fato é que a cultura militante e a identidade coletiva geradas terminaram por refletir esse perfil que era o da maior parte, ou pelo menos da parte mais influente, que hegemonizava o movimento.

Havia, por exemplo, uma identificação de muitos do ocupa com a bandeira anarquista. Compartilhavam a certeza de que precisávamos derrubar o governo e agir com ação direta "violenta". Minha tentativa de sustentar o "neutro" - afirmava a necessidade de não haver bandeiras e apontava a bandeira anarquista como uma delas.

A rede de ativistas de Porto Alegre já estava afastada há tempos, criticavam a desorganização e falta de foco do movimento, mas também não compareciam para tentar fazer diferente. Nessa época estava em alta o "Largo Vivo", atividade semanal de resistência e ocupação do Largo Glênio Peres contra a privatização daquele espaço público e a recente transformação do mesmo em um estacionamento. À noite subiam para o barzinho "Tutti Giorni", passando a ocupar o Viaduto da Borges de Medeiros com centenas de pessoas. Estavam a uma quadra do acampamento, mas não chegavam perto. Em contrapartida, do outro lado da escadaria, encontrava-se o Assentamento Utopia e Luta⁴⁹, um prédio ocupado que conta com diversas atividades culturais e debates políticos. Sobre ativismo, além de organização de atos de protesto. Aproveitando o movimento, o Utopia e Luta tomou força, passou a organizar atividades também nas terças e teve público. A organização das pessoas desta ocupação era evidente e contrastava com a desorganização da nossa. Havia também uma troca entre o Ocupa Poa e a comunidade do Utopia e Luta. Alguns de lá passaram a frequentar o acampamento, enquanto boa parte de "cá" passou a frequentar as reuniões e atividades de "lá".

A simbologia da palavra "ocupa" foi apropriada pelos ativistas de POA, passando a puxar atividades de ocupação dos espaços públicos das mais diferentes formas. Diversos protestos com as mais diversas causas começaram a tomar espaço. Havia, contudo, uma crítica que circulava: parte dos protestos eram pelos espaço de

⁴⁹ Um movimento autônomo com os princípios de auto gestão, sustentabilidade e autonomia. Lutam pela Reorganização das lutas urbanas."Acreditamos na utopia através da luta dos povos." <http://utopia-e-luta.blogspot.com.br/>

convivência destinados às "festas", como a cidade baixa, por exemplo, tendo originado o "Ocupa Cidade Baixa" (em função do fechamento duvidoso de dezenas de bares, sobretudo os que reuniam pessoas nas ruas), o subsequente "Ocupa Padre Chagas", ou até mesmo o "Ocupa Viaduto da Borges". A crítica era de que a "elite cultural" de POA se mobilizava mais pela cerveja do que por outras causas sociais como a desapropriação de comunidades em função da copa ou qualquer outro que não incidisse diretamente nas suas vidas. Concordo com estas críticas, mas também fiz questão de ressaltar a importância destes movimentos, pois, embora não deveriam ser "prioridade", demonstrava a responsabilização daquelas pessoas pela sua cidade, demonstrava os primeiros passos em direção a outras causas. Reforçava-se a ideia de que "a cidade é nossa"; de que "o povo decide"; de que as ações tomadas por órgãos do governo não passariam mais despercebidas e que qualquer decisão deveria passar pelo crivo de quem será afetado.

De fato, o quorum das atividades festivas era imensamente maior do que as outras, não festivas. Mas, aos poucos, pude observar que estes próprios encontros festivos serviam para discutir questões políticas da cidade e, aos poucos, mais pessoas foram aderindo às outras causas. Esta rede de ativismo estava se fortalecendo. Nesse dois anos podemos ver (vide Anexo I) um crescente número de atividades relacionadas à prática política dos ocupas: seja pela facilitação dos meios de comunicação, seja pela própria ideia que se alastra.

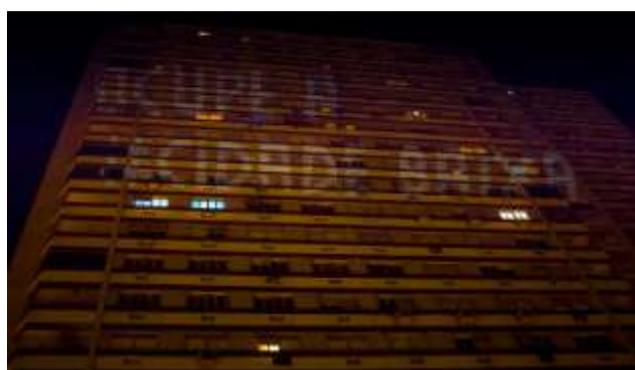


Figura 22 - Mensagem no muro "Defender a Alegria como um direito"

Figura 23 - Projeção "Ocupe a Cidade Baixa" em Porto Alegre

2.3.4. Ocupa dos Povos



Figura 24 - Ocupa dos Povos na Marcha da Cúpula dos Povos, RJ

Também tive a oportunidade de acampar junto ao “Ocupa dos Povos”, chamado pelo Ocupa Rio para fazer oposição à Rio +20 - Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (CNUDS), cujo objetivo era discutir, entre os chefes de estados, sobre a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável - e questionar a legitimidade da “Cúpula dos Povos” - evento paralelo à Rio+20, organizado por entidades da sociedade civil e movimentos sociais de vários países.

Ali ficou ainda mais evidente a rua como questão. Estávamos no meio de uma selva de pedra, controlada pelos governos que, por sua vez, são controlados pelas grandes corporações. A relação com a polícia e com a cidade em si era de uma violência incomensurável. Acampados em uma das poucas – se não únicas – praças não cercadas da cidade na região, ficamos entre duas grandes avenidas, onde os carros nos isolavam do litoral. Logo no primeiro dia, houve a tentativa de retirada do acampamento, um caso de agressão policial a um ocupante e um atropelamento seguido de morte, também de uma ocupante⁵⁰, que nos deixou bastante abatidos.



Figura 25 - Acampamento Ocupa dos Povos (RJ, 2012)

Quando cheguei, as barracas estavam abaixadas, desmontadas, mas continuavam no seu lugar. A ideia era analisar as "condições de possibilidade" para a

⁵⁰ Marília Machado Feijó, 28 anos, aluna do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fora atropelada em uma via expressa com omissão de socorro e descaso das autoridades em apurar o caso.

continuidade do acampamento ali ou pensar em outro local para ocuparmos. A primeira pessoa com quem tentei aproximação estava dando uma entrevista, achou que eu fosse jornalista também e não quis se identificar para "evitar supostas lideranças". Escutei a entrevista e anotei as primeiras linhas. O rapaz comentou sobre a divisão civil entre os eventos: "na Rio +20, quem fala é o governo, na Cúpula dos Povos quem fala são as instituições e no Ocupa dos Povos, o povo". Mas onde estava o "povo"? questionei-me. O acampamento tinha cerca de 50 pessoas naquele momento e, conversando com um participante do Ocupa Rio, ele me comentou que a grande maioria dos que participavam do movimento não estavam lá. "Estavam passando por uma crise", disse ele. Teria acontecido o mesmo que em Porto Alegre? Os acampados chegaram a 150 pessoas de várias partes do país e do mundo: integrante de outros "Ocupas" (Ocupa POA, Ocupa Rio, Ocupa BH, Acampa Sampa, *Occupy Wall Street*), além de pessoas de outros movimentos como *RioT 20*, ativistas e militantes do Canadá, *punks*, *hippies*, andarilhos e moradores de rua. A dinâmica, neste caso, era diferente. Nós sabíamos que o acampamento era temporário e tinha um foco, o que nos ajudou a otimizar o nosso tempo lá.

Todos os dias alguém puxava algum debate político como o sobre a criminalização dos movimentos sociais, gênero e sexualidade, ecosofia, formas de democracia, não violência, atividades artísticas, culturais, ações diretas, entre outros.

Nas assembleias gerais, montávamos a pauta coletivamente, como de costume. Misturavam-se os debates políticos com as necessidades organizativas do acampamento. "Estamos acampando ou ocupando"? Deveríamos mudar o local do acampamento por segurança e maior visibilidade? Que diálogo podemos ter com a Cúpula dos Povos? Qual estrutura precisamos? Quem faz a ronda? Quais são os GTs (Grupos de Trabalho) necessários? Formaram-se os GT's Agenda: comunicação, infraestrutura e ação direta. A cada nova assembleia avaliávamos as nossas ações. Incentivava-se a autocrítica.

Tivemos uma experiência de confronto com a tropa de choque quando fizemos uma passeata que trancava o trânsito. Estavam prontos para nos atacar. Precisávamos decidir ali mesmo que ação tomar. Tivemos a audácia e a coragem de fazer uma miniassembleia para tomar essas decisões, em meio ao ato: resistiríamos e apanhávamos, ou voltaríamos para o "ocupa" (que estava ameaçado de remoção), ou continuaríamos com o protesto dentro na cúpula onde haveria mais uma causa para

aderir - a rádio comunitária que a polícia ameaçou fechar. Dividimo-nos nas opiniões e, depois de muita argumentação, cada um fez o que quis. Mas ninguém ficou para apanhar da força repressora.

Em um segundo momento, nos planejamos para participar de um protesto na Vila Autódromo, ameaçada de remoção para obras da COPA de 2014. Além disso, a Vila ficava ao lado de onde estava acontecendo a Rio +20. Descobrimos que sairiam dez ônibus de manhã cedo, desde a UERJ (onde estavam acampados os movimentos que participavam da Cúpula dos Povos). As pessoas esperaram e os ônibus não saíram. Não houve explicação satisfatória e vi a cena que tanto me é repetida e alertada: a esquerda dando voltas em torno de si mesma. Os grupos não sabiam o que fazer nem para onde ir. Depois de quatro horas esperando, chamaram uma assembleia - que não decidiu nada. Suspeita-se que partidários do PSOL⁵¹ não queriam "prejudicar a marcha da tarde" (marcha da Cúpula dos Povos) e desincentivou as pessoas a tentar ir mesmo assim. Um grupo menor, cansado de esperar por uma "decisão coletiva", tomou a iniciativa e partiu. Levamos aproximadamente duas horas para chegar ao local (entre metrô, ônibus e caminhada). Chegando lá, a passeata já havia terminado. Fora manobra do partido, ou da própria organização da Rio +20? Suspeito mais da última opção.

A participação do "Ocupa" na marcha da tarde deu-se através de apenas 10 pessoas, mas não foi menos expressiva. Essas dez pessoas interromperam a marcha de 80 mil pessoas, bloqueando a rua para tentar denunciar a farsa da Rio +20 e as manobras de afastar a cúpula dos povos da mesma e a institucionalização dos movimentos sociais.



Figura 26 - Ocupa dos Povos na Marcha da Cúpula dos Povos (RJ, 2012)

⁵¹ o *Juntos*, liderados por Rodolfo Mohr (o mesmo que coordenou as atividades do 150. em Porto Alegre)

Neste mesmo dia, à noite, dois integrantes do “Ocupa” conseguiram infiltrar-se na Rio +20, descobriram o local da conferência final e fizeram a fala “não nos representam”. Foram tirados da sala pelos seguranças. A “façanha” apareceu no Jornal Nacional.

Com estes acontecidos, pude confirmar algumas das afirmações sobre a divisão civil dos eventos que estavam acontecendo. O Rio de Janeiro estava em Estado de Exceção. De fato, desde o aeroporto até o centro da cidade, havia, de quilômetro em quilômetro, um carro do exército e seus oficiais empunhando rifles e metralhadoras. Acima de nós, helicópteros sobrevoavam a região, perto o suficiente para enxergarmos homens empunhando armas de grosso calibre. A polícia nas ruas era em grande quantidade. Aquela proteção era para quem? E com que fins?



Figura 27 - Cartaz " A ditadura acabou..."



Figura 28 - Comparação Ditadura X Democracia

Em um debate sobre Formas de Democracia esclareci muitas de minhas dúvidas e confirmei muitas de minhas suspeitas. Realmente, a palavra democracia não explica o que os *occupyers* querem, pois, via maioria de votos, seria uma imposição de um grupo maior sobre outro menor; isso é o que designa o sistema de representatividade. Já a noção de diversidade faz falir a noção de verdade, o que nos leva em direção ao pensamento das ações locais.

Os últimos movimentos democráticos com ampla adesão no Brasil foram o "Diretas Já" no início dos anos 80 e o "Caras Pintadas" nos 90. Conseguimos retomar o direito a eleições diretas para presidente, tiramos um presidente do poder, mas, ainda assim, não é o povo quem governa. Do ponto de vista dos *Occupy*, o voto continua a não ser "direto" no sentido de que investimos nosso voto em uma ilusão de sermos representados. Ganham as eleições aqueles que mais investem nas campanhas. Qual a diferença disto para uma propaganda de refrigerante? Poderíamos renomear esse sistema de "democratISMO", pois é um sistema adoecido e que adocece (como falei nos

capítulos anteriores sobre o ressentimento e a institucionalização dos movimentos sociais).

Os movimentos *Occupy* não desprezam a velha esquerda, mas aprenderam com seus erros e tentam não repeti-los. Vejo como nova etapa dos movimentos sociais em geral. Analisa-se a ideia de representatividade como mais um engodo e, além disso, de uma posição de desresponsabilização do sujeito cidadão para com a sua cidade - análoga à posição do ressentido - por exemplo "jogo o lixo no chão, pois o governo não pôs lixeiras nas ruas, a culpa não é minha." É como transferir toda a porção de cuidado pela sua comunidade para um terceiro, um Outro que não poderia falhar. A Educação para autonomia, por exemplo, não pressupõe o cuidado de si como indivíduo meramente, mas como indivíduo perante uma comunidade.

Muito dos esforços ainda estão voltados para essa conscientização da população geral. Ainda vivemos em uma sociedade voltada para a conquista monetária, independente da classe social. Mesmo o indivíduo das classes menos favorecidas compartilha o mesmo escrúpulo. A lógica do brasileiro parece ser: "vou sair da favela e ser patrão do vizinho". Como resgatar a consciência e o desejo de rebelião? Será que ainda precisamos vender a utopia, mascarando-a de uma promessa de felicidade?

Finalizado o evento da Rio +20, as pessoas foram voltando para suas cidades e casas. Estávamos tentando planejar um fechamento para o acampamento, mas a debandada em massa fez este fechamento se dar de forma atropelada. A realidade da rua ocupou a praça. Chegou um momento em que havia mais moradores de rua do que participantes de fato da ocupação. Ficou no ar uma sensação de abandono, não só da ocupação, mas da população de rua que se refugiou lá da violência policial. Houve algumas cenas de violência entre os próprios moradores de rua e vários casos de roubo (internos). Tentamos lidar da melhor forma possível, mas a sensação de imensa disparidade social econômica era maior do que qualquer brabeza de ter sido roubado (como foi meu caso).

A experiência de estar no Ocupa é muito mais intensa do que o efeito que há para fora dele. Ele é um organismo com vida própria. Aprendi muito mais do que pensei poder transmitir; a experiência, embora desgastante, acrescentou muito aos que se

atiraram nessa aventura. O choque com o não lugar que é a rua e a relação íntima que tive com o espaço urbano me mostrou não só a fragilidade, mas a potência que ela carrega. Não estávamos na rua por acaso, mas porque se ainda temos algo de coletivo, de efetivamente público, é a rua que nos resta, e com um resto podemos fazer mais do que conseguimos imaginar.

CAPÍTULO 3

REVOLUÇÃO & UTOPIA - dos meios aos fins



Figura 29 - "Famosa" pichação: **REVOLUTION**

3.1 - Estratégias de resistência: mídia e arte



Figura 30 - Imagem Comunicação Social e Força Política

Estamos diante de uma revolução toda veiculada via *Web*. Desde a Primavera Árabe aos Ocupas. Essa rede de movimentação global relaciona-se intimamente com o poder dos meios de comunicação e o papel das mídias. A facilitação dos meios de comunicação e a livre troca de informações sem intermediários como a Internet, o crescimento de mídias alternativas, a comunicação visual, etc. têm cumprido um papel fundamental. É uma das principais estratégias de resistência do movimento; estão se desinstitucionalizando e tomando força nas suas versões alternativas, comunitárias, independentes, autônomas. São os mais diversos meios de comunicação “alternativas”: *fanzines* (feito com recortes e colagens), arte de rua, poesia, *grafitti*, jornais, vídeos que circulam, sobretudo pela Internet, informando e fazendo circular o que não passa na TV.



Figura 31- Exemplar de Fanzine

Entretanto, mesmo com a velocidade notável com que isto se expande, é preciso querer buscar essa informação. Nem todos têm acesso a ela e nem todos que têm acesso a procuram. Acostumados e acomodados com a informação a serviço do capital, muitos ainda se chocam com o conteúdo de cunho libertário. O desejo antecipado pelo comércio

põe obstáculos para que se enfrente “o obscuro do instante”. Não é nada incomum uma reação moralista, inclusive de jovens, aos protestos nas ruas.

Entre as mídias de massa, as redes sociais da Internet e a rua temos uma batalha travada! Ora, já sabemos: É preciso estar alerta que a mídia, não necessariamente, é fiel aos fatos. E, sejamos sensatos, a mídia, necessariamente, não é fiel aos fatos! Não existe “fidelidade” aos fatos, o que existe são as nossas próprias verdades e suas formas de vê-las. Lembro-me então de uma imagem de Banksy, um artista e grafiteiro, que vem acompanhada de uma frase:



Figura 32 - Grafitti Banksy

“You’re mind is working at its best when you’re being paranoid. You explore every avenue and possibility of your situation at high speed with total clarity.”

“Sua mente está trabalhando no seu melhor quando você está sendo paranoico. Você explora cada avenida e possibilidade de sua situação em alta velocidade e com total clareza.”

Já sabemos que a mídia de massa faz o movimento de capturar a contracultura, enlatá-los e esvaziá-los de sentido. Vimos isso acontecer com outros movimentos de protesto: o *hippie* virou "*hippie chic*", o *punk* virou "*punk de boutique*", o *Rock* virou *Pop* e Che Guevara virou estampa de biquíni.



Figura 33 - Grafitti Banksy

Agora, ser "alternativo" está na moda e o *Underground* virou *Mainstream*. Então o que nos faz pensar que esse movimento estaria a salvo? Já vemos expressões como "ativistas de sofá" - aquele que fica só na Internet panfletando, mas não sai pras batalhas

da rua. Neste sentido, a internet pode ser tanto uma estratégia de resistência ao sistema como uma resistência (no sentido psicanalítico) no sistema. Podemos ver essa preocupação expressa nas imagens abaixo que enfatizam a importância do encontro presencial:



Figura 34 - Organize Online, Ocupe Offline: Ocupem Juntos

Figura 35 - Cartaz no metrô de NY: "Ações falam mais alto do que o botão curtir"

Figura 36 - Cartaz Espanha "Sai das redes e vem pra rua, precisamos de ti"

Dentro dessa nova dinâmica de produção de riqueza os movimentos sociais/culturais e os territórios produtivos, ricas fontes de produção, criação e inovação, ficam em evidência e tornam-se alvo do desejo do capitalismo contemporâneo que se mobiliza para capturá-los, seduzi-los e fazer uso deles ou até mesmo apropriar-se dos mesmos. Uma vez capturados são domesticados e passam a servir de energia produtora alimentando o capital. Abaixo vemos uma propaganda de uma camiseta do Occupy, com modelo sorridente e tudo!



Figura 37 - Camiseta Occupy Wall Street à venda

O desejo antecipado pelo comércio põe obstáculos para que o nosso desejo venha à tona, ilude os sentidos, amortece-os. Questionar a realidade programada pela sociedade de espetáculo é se abrir para o desenvolvimento de uma capacidade criativa. Não significa uma crítica passiva, mas uma ação de rejeição à sua lógica ilusionista.



Figura 38 - "Se os meios são do capital, as paredes são do povo"

O crescente espaço ocupado pela arte de protesto nas ruas (*street art, grafitti, stencil, filipetas, instalações, intervenções urbanas, terrorismo poético, teatro de rua...*) tem dado força a essas mensagens. Mensagens, estas, que subvertem o discurso, esse mesmo que nos constitui.

Estas são algumas das pedras preciosas que afloram pelos movimentos de ocupação. "A arte e a utopia nascem do mesmo solo", diz Jacoby (2007). Os artistas compartilham de uma perspicácia audaz que tem o poder de meter o dedo na ferida, fazendo um furo para que possamos enxergar além da carne podre manchada de sangue – é para ver o osso, a estrutura. A força da arte faz-se em um ato revolucionário e vem, neste sentido, para revolver a terra parada, decantada - trazer o que estava embaixo para cima, misturar, desvelar, transformar o cenário.



Figura 39 - Stencil "Proibido cAlar cartazes"

O terrorismo poético, por exemplo, é uma prática de desobediência civil que usa a arte como ferramenta principal. "Arte como crime; crime como arte", incentiva Hakim Bey (2000 [1985]). Teria a brutalidade do terrorista poético a potência de fazer, como Matta Clark em suas obras, "o corte certo entre os suportes e o colapso"? A força das palavras, imagens, sons que cortam o ritmo troteado dos costumes já não mais refletidos. Rotina que não espelha. É uma violência outra. Que faz parar, mas põe em movimento.



Figura 40 - Intervenção urbana "Palestina Livre"

Quebrar o fluxo do sempre-o-mesmo é uma violência necessária, sobretudo quando somos violentados e condenados por desejar. De que desejo estou falando? Um outro, não qualquer, que ainda não sei o nome. Talvez esta é a condição de inominabilidade utópica. Posso não saber o que eu quero, mas sei que desejo. Espalhar terror com poesia é socar goela abaixo uma dose de caos e desordem à mediocridade da vida – como um remédio que a mãe sabe que é amargo, mas que a criança precisa tomar. É uma aposta utópica.



Figura 41 - Protesto aos bancos na Itália



Figura 42 - Stencil "Arma musical"

3.2 - A rua como espaço utópico



Figura 43 - Trocadilho com o OWS: "ocupe todas as ruas".

A rua é um espaço de encontro, de produção, do fluir da cidade, do transitar das redes “prático-subjetivas”. Ela está sendo, não só usada, mas reivindicada como espaço legítimo de encontro e convivência para fins diversos. Movimentos como as ocupações têm representado um exemplo disto. Eles se assentam em praça pública priorizando o uso desse espaço como palco de discussões políticas para produção de estratégias de resistência. Seriam as ocupações uma utopia (na versão iconoclasta)?

Utopia Iconoclasta é a concepção de que um ideal não pode ser colocado como imperativo, acionando algo que ainda não sabemos, um vazio, um não lugar, uma brecha que põe o sujeito em movimento desejante para a produção de algo novo. Contrapõe-se ao conceito da Utopia Projetista onde há um ideal de perfeição inalcançável. Bauman, retomando Jacoby⁵² explicita essa diferença:

(...) é a intenção de desconstruir, de desmitificar e, em última instância, de desacreditar os valores da vida dominante e suas estratégias de tempo, através da demonstração de que, contrariamente às crenças atuais, em vez de assegurarem uma sociedade ou vida superior, constituem um obstáculo no caminho para ambas.(...) é sobretudo a afirmação de uma possibilidade de uma outra realidade social – possibilidade ainda aterrada na revisão crítica dos meios e formas de apresentar a vida. (...) é a possibilidade de uma alternativa à realidade social, apesar de o seu desenho estar pouco desenvolvido. (...) não se conduzem por meio de desenhos ou conselhos, mas sim por meio da reflexão crítica sobre práticas e crenças existentes de forma a – para recordar uma ideia de Bloch – explicitar que “uma coisa está faltando” e assim “inspirar a unidade para a sua criação e recuperação”. (Bauman, 2010)⁵³

⁵² Russel Jacoby. A imagem impecável

⁵³ em entrevista à Revista CULT, No 138, março de 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevis-zygmunt-bauman/>>

Qual o objetivo? É a primeira pergunta que os curiosos fazem. Qual a pauta? Tem agenda? As respostas vagas tentam dar conta da complexidade do nó do sistema. “O objetivo é mudar a realidade atual onde quem comanda é o capital especulativo; a consciência das pessoas com as causas sociais; dar um alerta para as causas ambientais; repensar o sistema de representatividade do governo; fortalecer a voz do povo como participação nas decisões políticas; focar questões urgentes; dar voz aos excluídos; rever o sistema educacional; aprender técnicas de sustentabilidade...”. A lista é bastante extensa. Como? Não se sabe responder ao certo e nem é a proposta – o espaço de encontro é justamente para fazer emergir estratégias de resistência à lógica hegemônica capitalista, onde a principal arma parece ser a criatividade.



Figura 44 - Barricada de livros (Itália, 2012)

Lançar-se a uma convivência em coletivo com os princípios de horizontalidade já é um desafio por excelência, que serve como exercício para os que por lá passam. Uma utopia do encontro nas ruas se lança para uma mudança de paradigmas. Contudo, o mote dos Ocupas não mais clamam por um “representante da vontade do povo”, mas que, neste encontro das diversidades e com as urgências econômicas e ecológicas, uma nova lógica sistemática se produza. A diferença principal reside em que não há um projeto de antemão que se saiba adequado para tais necessidades e que este deve surgir do encontro com as pessoas, entre as pessoas, sem líderes, sem representantes.

Desta forma, os movimentos assentam-se em praça pública, por tempo indeterminado, para que lá se façam os debates e lá surjam propostas de práticas alternativas como uma resposta estratégica em direção a essa mudança. É um modelo de movimento nunca visto antes. "Que o movimento de ocupação é sem precedentes parece

apropriado, pois esta é uma era sem precedentes, não apenas neste momento, mas desde os anos 1970⁵⁴." (Chomsky, 2011)

Uma nova metodologia está colocando muitas teorias por terra: são movimentos sem líderes e sem uma cartilha a ser aplicada como "ideal de sociedade". Freud, por exemplo, em *Psicologia das Massas e análise do eu*, dizia que quando cai o líder, enfraquece-se o coletivo. Eis uma experiência que já nasce sem líderes e que tem, a partir da lógica de horizontalidade, o desejo de que o coletivo se fortaleça a partir da ideia de que cada um se sinta responsável pelo mesmo. É outro paradigma que vem, podemos dizer, de uma vertente aproximada do anarquismo.



Figura 45 - Pichação "Occupy" junto ao símbolo anarquista

Questiona-se a noção de poder disposto em hierarquia e a necessidade ou não de um Estado regulador como bases organizativas da sociedade. Características como a autogestão, onde todos participam das decisões em igualdade de condição e poder de voz, também é um dos traços que compõe este novo cenário. No entanto, ela não tem nome. A mistura de bandeiras (ou a ausência delas em substituição às causas) tem levado a um momento de repensar antigas cartilhas de ação social como o socialismo, anarquismo ou democracia como insuficientes. É preciso criar a partir desta realidade. A rua é ponto de encontro.



Figura 46 - "Acreditamos na utopia, pois a realidade nos parece inacreditável" (Espanha, 2011)

⁵⁴ That the Occupy movement is unprecedented seems appropriate because this is an unprecedented era, not just at this moment but since the 1970s (Chomsky, 2011)

Esses movimentos têm algo em comum com as revoluções de 60, que é a tomada das ruas pela população que confronta um sistema de normatização autoritária. Recupera um movimento há muito tempo adormecido! O que perpassa esses movimentos todos é o direito de escrever a lei através do fomento à Micropolítica⁵⁵ com ação local. Sobre a micropolítica, Foucault (1982, p. 2) especifica duas técnicas:

(...)as técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos fins ou à dominação, objetivando o sujeito; as técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser (...)

São uma nova forma de fazer política: não apenas aquelas que se estabelecem no esfera das classes, dos grupos em disputa por poder, mas contra as formas de assujeitamento. Foucault aponta que as micropolíticas são lutas transversais, ou seja não se confinam a países ou governos específicos; não objetivam o poder, pelo contrário, criticam as instâncias de poder e seus efeitos sobre os indivíduos; são lutas imediatas: não questionam a instância distante de poder, mas as que estão envolvidas diretamente; questionam a formação de subjetividades e suas formas de assujeitamento.

Esses movimentos produzem culturas afirmativas, ocupam o lugar de culturas de resistência. As micropolíticas se relacionam com o desenvolvimento da potência de agir em seu entorno, sem cair numa queixa ressentida. O que querem afinal? Não esperar o fim para recomeçar! Não seria bem um recomeço, pois, na vida, não há *reset button*. É alertar para necessidade da criação de novos paradigmas. E, dentro desta lógica, quem tem que mudar sou eu! Quem se junta às ocupações propõe-se a pensar o que “eu” posso fazer para mudar esta lógica e colaborar com o coletivo.

Negri (2012) nos apresenta a relação entre o coletivo e as singularidades com o conceito de "multidão" como um conjunto de singularidades que cooperam entre si, uma multiplicidade de grupos e de subjetividades. Essas experiências reafirmam o propósito de viver além do valor. Pautam-se mais pelo compartilhamento que pelas trocas; pela cooperação do que concorrência; pela paridade e camaradagem em vez da verticalização. Reafirmam-se no singular. Como uma política das mentes e dos braços em rizoma.

⁵⁵ As micropolíticas tiveram expressão e força em Foucault. Ele distingue, por exemplo, entre os vários regimes de técnicas, dois tipos que são as técnicas de poder e as técnicas de si.

Neste sentido, o que esses novos movimentos apontam é para que a revolução não seja somente político-econômica, mas ideológica social, psicológica, moral, ética, dos hábitos, da responsabilização pelo coletivo, das práticas do cotidiano, dos pares, dos grupos, da solitude (sempre que necessário). Os eixos são fluidos e se atravessam entre si. É prudente não cair na armadilha de um movimento totalizado. Não há homem, por mais sã ou louco que seja, que consiga abarcar todos estes estratos e, por esse mesmo motivo, precisamos uns dos outros: não para fazer a mesma coisa que nós, mas para fazer o que não fazemos; ir até onde não alcançamos; criar novos braços de operação.

A multidão é positividade constituinte, qualitativamente procriadora, cooperativa e imediatamente produtiva. Hoje vejo como essa questão não se orienta por algo a fazer. A revolução e o comunismo não são algo ainda a ser feito. Projetá-los num futuro bloqueado é tão impotente quanto identificá-los num passado frustrado. É que essa desmedida já está sendo realizada coletivamente por muitos grupos, dispersos, imanentes, com maior ou menor grau de ânimo rebelde. Organizam-se produtivamente a partir do valor afetivo: maximizam afetos ativos e bons encontros, minimizam os passivos e ruins. Resistem quando necessário. (...) Propugnam por uma espécie de comunismo pós-moderno e heterodoxo. Vivem na pele, com o que se relacionam ao infinito, uma insuficiência intensiva e qualitativa. (Bruno Cava, 2012)⁵⁶

Conforme nos alerta Negri: “gozamos de uma segunda geração de vida metropolitana, criativa de cooperação e excedente nos valores imateriais, relacionais e linguísticos que produz. Eis a metrópole da multidão singular e coletiva”. Negri, entretanto, vai além e afirma que é no interior da vida metropolitana que se deve iniciar a subversão do estado de coisas dado. Ou seja: a metrópole é também o terreno de êxodo por parte da multidão. Fica evidente que temos novas formas de lutas, organização e resistência e que o novo espaço metropolitano e suas dinâmicas colaborativas e cooperativas, propiciam as condições para construção de um comum que nos conduza a reapropriação da cidade e da vida. É com a multidão e com suas novas formas de lutas que podemos pensar em um “novo mundo possível”.

Nas palavras de Walter Benjamin: “As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes”. (BENJAMIN, 1989, p.194). É no experimentar, inventar e criar que a multidão resiste. Da força da vida vem a força da produção que é a única maneira de lutar.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.quadradosdosloucos.com.br/tag/antonio-negri/>

Mais do que uma disputa por território físico, mais do que uma disputa por ocupar espaços, é uma disputa para deixá-los abertos. Abertos à imaginação, à possibilidade de outros passos, de novas esquinas. Que a rua deixe de ser mera passagem de um lugar ao outro e seja um lugar de estada. Os movimentos de ocupação e seus derivados ilustram o espaço da rua como um palco político, visualizando-os como utopias em construção. A rua é o espaço onde estas vozes encontram vazão.

3.3 - Do futuro em aberto

O que estes movimentos parecem estar antecipando é a emergência de uma revolução psíquica, de paradigmas, da queda de um ideal, de uma ilusão, da promessa de felicidade que ficaram nos devendo as propagandas. Haverá uma lei simbólica instaurando-se nas ruas através destas reivindicações?

Jacoby (2007), em *Imagem imperfeita*, nos alerta: “as ideias utópicas estão mortas e enterradas, tanto para os prósperos, quanto para os destituídos.”! De que utopia estaria falando? Aqui ele fala desta utopia enquanto aquele ideal almejado, ou a Utopia Projetista, com um projeto de antemão que muito de nossos revolucionários já apostaram, mas cuja perfeição seria impossível alcançar.



Figura 47 - Grafitti Banksy



Figura 48 - Grafitti Banksy

Segundo ele, essa utopia precisa morrer, decompor-se e seus restos transformar-se em adubo, aproveitado pela terra para que dali nasça outra coisa. O quê, não se sabe. Só então será possível desenterrar uma outra utopia, uma que faça uma aposta no futuro, ao invés de uma promessa. “Não há mais *ISMOS* que caibam em nossos

repertórios”. “Não há cartilha que contemple a multiplicidade de existências, tampouco seus fluxos”. Eis um dos maiores gritos dos movimentos de ocupação que colocam o mundo diante de um grande ponto de interrogação.

Sobre isso, Antônio Negri (2006) define, a partir de Spinoza:

Gostaria de dizer enfim que a redescoberta de Spinoza que devemos a Deleuze e a Matheron nos permite viver “este” mundo, isto é precisamente o mundo do “fim das ideologias” e do “fim da história”, como um mundo a reconstruir. Ela nos mostra que a consistência ontológica dos indivíduos e da multidão permite olhar para frente cada vez que a vida singular, como ato de resistência e de criação, emerge. E se os filósofos não gostam da palavra “amor”, e se os pós-modernos declinam dele seguindo a ideia de um desejo fenecido, nós, que relemos a Ética, nós, o partido dos spinozistas, nós ousamos sem falso pudor falar de amor como a mais forte paixão, uma paixão que cria a existência comum e destrói o mundo do poder.

A caminhada é desconhecida, o movimento se experimenta como um laboratório, não se sabe o que será encontrado à frente, mas pressupõe-se que muito deve ser deixado para trás. Pode-se não saber o que se quer, mas sabe-se que se deseja algo diferente. Não acreditar em destino não é não se responsabilizar pelo futuro. Que não haja promessa não quer dizer que não possa haver uma aposta.



Figura 49 - Grafitti Banksy “Keep your coins, I want change”
(fique com seu trocado, eu quero troca)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda é muito cedo para imperativos otimistas, o movimento recém repercute e o desafio maior é transmitir esta experiência de forma com que ela continue se renovando. Como defendê-las dos sintomas de grupo? Como preservá-la dos efeitos da midiáticos da moda efêmeros?

E embora possa parecer um cenário "ideal" para uma revolução global, é justamente essa idealização que pode levá-lo ao fracasso. Žižek (2011), na obra *"Occupy! Scenes from occupied America"*, nos adverte: "Não se apaixonem por vocês mesmos! Passamos um bom momento aqui, mas, lembrem-se, os carnavais não custam caro. O que conta é o dia seguinte, quando precisamos retomar nossa vida normal. E é quando nos perguntamos: alguma coisa mudou?".

Da experiência que tive em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, como relatei anteriormente, pude identificar desde dentro das ocupações, variadas dificuldades e, inclusive, repetições da lógica contra qual se está lutando. Desde o narcisismo das pequenas diferenças ao aparecimento escamoteado de líderes, além de comparações e disputas internas. A disponibilização destas pessoas, entretanto, com seus corpos, no ato, no espaço, nos encontros e a possibilidade eterna de rever posições e pensar-se no coletivo, é o grande estruturador desses movimentos, é a grande potência destruidora e construtiva ao mesmo tempo. É preciso fôlego. Como uma mina em escavação, com muitos diamantes brutos, muitas pedras preciosas soterradas pelo tempo. O trabalho de garimpo é árduo e persistente.

"O que importa é aprender a esperar. (...) O ato de esperar não resigna: ele é apaixonado pelo êxito em lugar do fracasso." diz Bloch (2005, p. 13). Ao dizê-lo, delineia uma importante função utópica: a ética da esperança ativa, que parte de um fracasso para um chamamento à responsabilização por nossos próprios sonhos.



**" Si assumes que no hay esperanza,
garantizas que no habrá esperanza.
Si assumes que hay un instinto hacia la libertad,
que hay oportunidad para cambiar las cosas,
entonces hay una opción de que puedas contribuir
a hacer un mundo mejor. Esta es tu alternativa"
Noam Chomsky**

Figura 50 - Mensagem Noam Chomsky

A revolução de costumes, política e social é um processo. O esforço imediato maior ainda é o de transmissão de uma mensagem de conscientização.

You can't achieve significant initiatives without a large, active, popular base. It's necessary to get out into the country and help people understand what the Occupy movement is about – what they themselves can do, and what the consequences are of not doing anything. (Chomsky, 2011)⁵⁷

Para pôr em prática, cada um tem seu tempo e dar-se conta e respeitar os diferentes tempos é essencial para elaborar os processos implicados. É preciso mastigar bem e digerir essas novas informações que farão parte do nosso cotidiano. Afinal, quantas marretadas precisou o muro de Berlim para cair? O tempo de espera também é tempo da produção de um ATO!

Ao acompanhar sujeitos em momentos cruciais de sua jornada, do isolamento à possibilidade de construção de laços sociais, desvelando a potência desejante de cada um, o tempo, o ritmo, as condições de enunciação de um sujeito, constituem as balizas para uma intervenção possível. Tempo de decantação, de espera, mas também tempo da produção de um ato. (Carvalho, 2008)

“Um futuro do tipo autêntico, aberto como processo, é inacessível e estranho a toda mera contemplação.” (Bloch, 2005) A respeito disso, Edson de Sousa (2007, p.14), em seu livro *Uma Invenção da Utopia*, propõe:

Um pensamento sobre a função da utopia vem, portanto, provocar a imaginação a abrir outros caminhos possíveis ao pensamento para que não fiquemos paralisados na obscuridade do instante. A utopia tem importante função de resistir aos imperativos do consenso que cada vez mais o laço social nos impõe. (SOUSA, 2007, pg.14)

Há um elo Entre os Movimentos de Ocupação e o discurso da psicanálise. Lacan, no Seminário 17, “O avesso da Psicanálise” (1969) quando desenvolveu os quatro

⁵⁷ Disponível em: <http://www.inthesetimes.com/article/12206/occupy_the_future/>

discursos apontou para um importante detalhe: o discurso da psicanálise não compactua com o de um mestre quando este toma o outro como objeto do seu gozo⁵⁸. É aí que ele se opõe aos discursos hegemônicos do contemporâneo – científico, religioso ou capitalista. O psicanalista não promete e não dá garantias.

"(...) diante do amanhã não temos garantias. Entrar em cena é entrar na história." (SOUSA, 2007, pg.19)

Neste sentido, a proposta psicanalítica conversa com a proposta utópica de “abrir furos no real”, porque desacomoda o sujeito carregando consigo uma noção subversiva que vai de encontro à lógica comodista dos discursos hegemônicos – os quais fomentam o aparecimento de sintomas melancólicos, da apatia, toxicomanias e compulsões de todos os tipos. Na proposta do sistema onde o capital é o valor maior, o cômodo para o Eu do sujeito é deixar-se seduzir pela ilusão de que sua incompletude, seu vazio, sua falta a ser, estão preenchidas ou são preenchíveis, sobretudo, por objetos de mercado.



Figura 51 - "Não é saudável estar bem adaptado a uma sociedade profundamente doente" (Espanha, 2011)

Lacan (1959) discorre, no Seminário 6 sobre a técnica psicanalítica e o esvaziamento do fantasma no tratamento e Zizek observa: "Lacan sustenta a interpretação no registro do reconhecimento dos suportes significantes escondidos na demanda. (LACAN, 1959, p. 136). Ora, reconhecer os significantes é desconstruir o fantasma. O objetivo do tratamento é privar (esvaziar) o sujeito do fantasma que regula o universo de sua experiência." (Zizek, 2010, p. 68).

A proposição psicanalítica, como ferramenta de fomento a uma posição ética e utópica do sujeito, colabora para o reconhecimento da incompletude constitutiva do sujeito – um sujeito partido – em laço social e para a abertura, para este, de novas possibilidades de existência que não a temida demanda do Outro.

⁵⁸ A não ser enquanto semblante para fins de estabelecer-se uma transferência.



Figura 52 - "Em 1500, índios brasileiros descobriram Cabral perdido no mar" (protesto em defesa dos Guarani-Kaiowa (Brasil 2012))



Figura 53 - Marcha das Vadias (Brasil, 2012)



Figura 54 - Marcha das Vadias (Brasil, 2012)

Ambos difundem uma reflexão que subverte as respostas prontas, onde não há necessariamente respostas, mas perguntas que remetam o sujeito a sua história. Questionam o sujeito a partir de um lugar de não saber, onde as verdades já não são mais garantia do certo e onde as tentativas não são mais garantia de sucesso.

Não se trata de sugerir um desligamento total destes discursos – fazer isso é negar que eles são organizativos de nossa vida social – mas pôr em xeque o que eles escondem (o que é confortável ao sujeito, mas empobrecedor) e o que causa mal-estar.



Figura 55 - "Você tem o direito de permanecer em silêncio, mas eu não recomendo"

A vocação utópica que carregam os movimentos de ocupação é um ato de coragem, é jogar-se na travessia de uma escuridão em que não se sabe onde vai chegar. "Occupy" já não se restringe mais ao "estar acampado", torna-se uma expressão simbólica que toma força em diversos setores, abrangendo os espaços de produção de

vida política e cultural. É habitar o desconhecido, trilhar, usar, gastar a realidade espacial urbana ou campestre.



Figura 56 - Cartaz Occupy "You can't shut down an occupation"

Finalizo estas considerações finais com a imagem deste cartaz que diz "*You can't shut down an occupation, we're everywhere*" (Você não pode fechar uma ocupação, nós estamos em todos os lugares). É a mensagem sobre o amanhã que nos deixam os *occupyers*. Através da subversão dos discursos, da resignificação de palavras, pelo ato de enunciação de um desejo, o movimento dilui-se pelas ruas das cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, Hannah. Desobediência Civil. IN: Crises da República. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 49-90

BAUMAN, Zygmunt. Revista CULT, No 138, de março de 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-zygmunt-bauman/>>

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 2004

BEY, Hakim. Zona Autónoma Temporária. Trad. Jorge P. Pires. Ed: Frenesi 2000

BIRMAN, Joel. Tatuando o Desamparo: a juventude na atualidade. In: CARDOZO, Marta R. (org.) Adolescentes. Ed. Escuta: São Paulo, 2006, p.25 – 43.

CAVA, Bruno. Dois livros, muitos Negris. Publicado em 16 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.quadradosoloucos.com.br/tag/antonio-negri/>

CHOMSKY, Noam. Occupy the Future. 1o de Novembro de 2011. Disponível em: http://www.inthesetimes.com/article/12206/occupy_the_future/

COUTINHO, Fabrício U. Tropicália ou Panis et Circenses. Junho 05, 2006. CONTRAOFENSIVA - Cultura, Comunicação e Conhecimento Livre. Disponível em: <<http://contraofensiva.blogspot.com>>. Acesso em: 29 out. 2006.

DELEUZE, Gilles & Guattari, Félix. Mil Platôs. São Paulo. Editora 34, 1997.

DICK, Hilário (coord.). Discursos à Beira dos Sinos: A emergência de novos valores na juventude: o caso de São Leopoldo. Cadernos IHU, ano 4, nº. 18, 2006. 61 p.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 29a ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

_____. El sujeto y el poder. Traducción de Santiago Carassale y Angélica Vitale.

_____. As técnicas de si. In: Université du Vermont, outubro, 1982, ed. Technologies of the Self. A Seminar with Michel Foucault. Anherst: The University of Massachusetts Press, 1988, pp. 16-49. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. Dits et Écrits. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813, por Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. Disponível no site do Espaço MichelFoucault.

FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos. Vol XXI [1927 - 1931]. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1974.

_____. Cartas de Freud a Fliess. CARTA 69 [Viena, 21 de setembro de 1897].

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II) (1912). In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Vol. XI (1910[1909])

_____. Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise (1912). In: Vol. XII - O Caso de Schreber e Artigos Sobre Técnica. Vol. XII Edição Standard Brasileira

GARROCHO, Luiz Carlos. Ativismo e Análise Política, Geral, Micropolítica, Sobrevivência: estratégias. 6 de fevereiro de 2008. Disponível em: <http://olhodecorvo.redezero.org/como-ficam-as-micro-politicas-resistir-e-capitular/#more-513>

GOLDENBERG, Ricardo. Política e Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

GLENDON, Mary Ann. Rights Talk: The Impoverishment of Political Discourse , 1993, p. 14.

HAGE, Dave. Joseph Stiglitz. A Dangerous Man. Minneapolis Star-Tribune, October 11, 2000. Disponível em: <http://www.commondreams.org/views/101100-101.htm>

JACOBY, R. (2005) Imagem Imperfeita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JAMESON, F. O utopismo depois do fim da utopia. In: Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio, São Paulo, Ática, 1996, p. 171 - 195.

JORNAL TABARÉ, Número 10, Fevereiro de 2012.

KEHL, Maria Rita. Fetichismo. In: 7 Pecados do Capital. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 81-106.

_____. Ressentimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

_____. Da Melancolia às Depressões. In: O Tempo e o Cão: as atualidades das depressões. São Paulo: Ed. Boitempo, 2009, p. 37 – 108.

LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Transferência e Sugestão. Aula de 4 de julho de 1954. In: O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação. (1958-1959). Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre.(2002)

_____. O seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

NAVARRO, Regina L. & BRAGA, Flávio. Revolução Sexual. In: O livro de ouro do SEXO. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 249 – 267.

NEGRI, Antonio. Uma filosofia da afirmação. In Spinoza e a Filosofia: Leitores de Spinoza.

Campos, Augusto. Poesia da Recusa. Perspectiva: 2006, São Paulo.

_____. Modernidade e a Multidão. Ed. Polity Press, 2012.

SILVA, Maria Cristina C. Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública - a clínica em movimento. In: PALOMBINI, Analice e col. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

SOUSA, E.L A.. Uma Invenção da utopia. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

THOREAU, Henry David. A desobediência civil. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2012 [1848].

ZIZEK, Slavoj. Occupy! Scenes from Occupied America. Astra Taylor and Keith Gessen (eds). Verso. Brooklyn/NY, 2011.

_____. Em defesa das causas perdidas. São paulo: Boitempo, 2011.

OUTRAS REFERÊNCIAS CONSULTADAS:

OCUPA POA, grupo aberto no Facebook - <https://www.facebook.com/groups/ocupapoa/>

WORLD PRESS - <http://anticap.wordpress.com/>

OCCUPY.NET - <http://www.occupy.net/>

THE GUARDIAN - <http://www.guardian.co.uk/news/datablog/2011/oct/17/occupy-protests-world-list-map>

LATINOS INDIGNADOS - <http://latinosindignados.blogspot.com.br/>

COLETIVO CCP. Manual Prático da Desobediência Civil. Disponível em: http://coletivoccp.blogspot.com.br/2008/10/manual-prtico-da-desobedincia-civil_21.html

WIKIPEDIA - VERBETES:

AÇÃO GLOBAL DOS POVOS - http://pt.wikipedia.org/wiki/Ação_Global_dos_Povos

ANONYMOUS - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anonymous>

OCCUPY MOVEMENT - http://en.wikipedia.org/wiki/Occupy_movement

LIST OF OCCUPY MOVEMENT -

http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Occupy_movement_protest_locations

GWANGJU DEMOCRATIZATION MOVEMENT -

http://en.wikipedia.org/wiki/Gwangju_Democratization_Movement

JUNE DEMOCRACY MOVEMENT -

http://en.wikipedia.org/wiki/June_Democracy_Movement

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Protesto em 1857 (NY, EUA) _____	14
Figura 2 - Daniel Le Rouge encarando a Guarda (1969) _____	15
Figura 3 - Maio de 68 (Paris, França) _____	17
Figura 4 - Grafitti de Banksy "Follow your dreams" _____	18
Figura 5 - Quadrinhos dos Anos 10 (Andre Dahmer) _____	20
Figura 6 - <i>Grafitti</i> de Banksy em Gaza, Palestina _____	21
Figura 7 - Calvin, tirinha de Bill Watterson _____	24
Figura 8 - "Quem barra o gozo perverso deles?" _____	24
Figura 9 - mensagem do <i>Ocupa Lisboa</i> que circulou na internet. _____	25
Figura 10 - Marcha Occupy, em algum lugar do Brasil _____	27
Figura 11 - Logo Occupy _____	29
Figura 12 - Mapa Mundial dos Occupy _____	30
Figura 13 - Mapa-mundi Primavera Árabe e Occupy _____	31
Figura 14 - Pichação "Nossa crise tem 500 anos" em Porto Alegre _____	32
Figura 15 - Cartaz Occupy "Democracy not found" _____	33
Figura 16 - "Eu não estou perturbando a paz, eu estou perturbando a guerra" _____	35
Figura 17 - "Corporações não são pessoas" _____	36
Figura 18 - Cartaz "Indigna-te" na Espanha _____	38
Figura 19 - Ocupa dos Povos, contra a Rio +20 (RJ, 2012) _____	40
Figura 20 - Logo Ocupa POA _____	41
Figura 21 - Encontro Internacional de Ocupas (POA, fev. 2012) _____	43
Figura 22 - Mensagem no muro "Defender a Alegria como um direito" _____	49
Figura 23 - Projeção "Ocupe a Cidade Baixa" em Porto Alegre _____	49
Figura 24 - Ocupa dos Povos na Marcha da Cúpula dos Povos, RJ _____	50
Figura 25 - Acampamento Ocupa dos Povos (RJ, 2012) _____	50
Figura 26 - Ocupa dos Povos na Marcha da Cúpula dos Povos (RJ, 2012) _____	52
Figura 27 - Cartaz " A ditadura acabou, faltou avisar a polícia" _____	53
Figura 28 - Comparação Ditadura X Democracia _____	53
Figura 29 - "Famosa" pichação: REVOLUTION _____	56
Figura 30 - Imagem Comunicação Social e Força Política _____	57
Figura 31 - Exemplar de Fanzine _____	57
Figura 32 - Grafitti Banksy _____	58
Figura 33 - Grafitti Banksy _____	58
Figura 34 - Organize Online, Ocupe Offline: Ocupem Juntos _____	59
Figura 35 - Cartaz no metrô de NY: "Ações falam mais alto do que o botão curtir" _____	59
Figura 36 - Cartaz Espanha "Sai das redes e vem pra rua, precisamos de ti" _____	59
Figura 37 - Camiseta Occupy Wall SteetS à venda _____	59
Figura 38 - "Se os meios são do capital, as paredes são do povo" _____	60

Figura 39 - Stencil "Proibido cAlar cartazes" _____	60
Figura 40 - Intervenção urbana "Palestina Livre" _____	61
Figura 41 - Protesto aos bancos na Itália _____	61
Figura 42 - Stencil "Arma musical" _____	61
Figura 43 - Trocadilho com o OWS: "ocupe todas as ruas". _____	62
Figura 44 - Barricada de livros (Itália, 2012) _____	63
Figura 45 - Pichação "Occupy" junto ao símbolo anarquista _____	64
Figura 46 - "Acreditamos na utopia, pois a realidade nos parece inacreditável" (Espanha, 2011) _____	64
Figura 47 - Grafitti Banksy _____	67
Figura 48 - Grafitti Banksy _____	67
Figura 49 - Grafitti Banksy "Keep your coins, I want change" _____	68
Figura 50 - Mensagem Noam Chomsky _____	70
Figura 51 - "Não é saudável estar bem adaptado a uma sociedade profundamente enferma" (Espanha, 2011) _____	71
Figura 52 - "Em 1500, índios brasileiros descobriram Cabral perdido no mar" (protesto em defesa dos Guarani-Kaiowa (Brasil 2012) _____	72
Figura 53 - Marcha das Vadias (Brasil, 2012) _____	72
Figura 54 - Marcha das Vadias (Brasil, 2012) _____	72
Figura 55 - "Você tem o direito de permanecer em silêncio, mas eu não recomendo" _____	72
Figura 56 - Cartaz Occupy "You can't shut down an occupation" _____	73

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

ACF - Associação Clínica Freudiana
ALCA - Acordo de Livre Comércio das Américas
AGP - Ação Global dos Povos
APPOA - Associação Psicanalítica de Porto Alegre
CNUDS - Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável
FASC - Fundação de Assistência Social e Cidadania
FMI - Fundo Monetário Internacional
FMJ - Fórum Municipal da Juventude
FSM - Fórum Social Mundial
FST - Fórum Social Temático
OMC - Organização Mundial do Comércio
ONU - Organização das Nações Unidas
OWS - Occupy Wall Street
PSOL - Partido Socialismo e Liberdade
PT - Partido dos Trabalhadores

ANEXO I

LISTA DE ATIVIDADES RELACIONADAS AO MOVIMENTO *OCCUPY* (DE JANEIRO DE 2011 À FEVEREIRO DE 2013)

2011

JANEIRO

-

FEVEREIRO

1. Ato contra o aumento da passagem

MARÇO

1. Manifestação contra o atropelamento dos ciclistas na Cidade Baixa
2. Debate sobre a revolução árabe
3. Massa Crítica
4. Ato pela abertura dos arquivos da ditadura

ABRIL

1. C.I.R.C. (Contestação, Intervenção, Resistência e Cultura)

MAIO

1. Marcha da Maconha
2. *Plebiscito ciudadano contra las termoeléctricas!* (Chile)
3. *Marcha Internacional Contra Venta De Semillas Chilenas a EE.UU.* (Chile)

JUNHO

1. Manifestação contra o DCE da PUCRS
2. Marcha da Liberdade
3. Mobilização de Professores de Alvorada

JULHO

1. Ato dos Servidores Públicos Federais
2. Manifestação contra o racismo, o nazifacismo e toda forma de opressão! (Utopia e Luta)
3. Diga NÃO ao aumento de vereadores no Brasil

AGOSTO

1. Repúdio contra ação movida por deputados contra Tonho Crocco
2. Debate: A Copa do Mundo e o Desrespeito aos Direitos de Cidadania
3. *#FreeTonhoCrocco* na Praça da Matriz
4. Tamboraço pela Liberdade De Expressão
5. Ocupação da Reitoria UFRGS - Servidores + Estudantes (UFRGS)
6. Debate: Novo Código Florestal e Crimes Ambientais (PUCRS)

SETEMBRO

1. Tonho Crocco! Para celebrar a unidade e festejar as diferenças.
2. 3ª Volta do Povo à Praça
3. MANIFESTAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS MUNICIPAIS DE IMBÉ
4. Exposição do Nuances - grupo pela livre expressão sexual
5. Ciclo de palestras: A CRISE DO NEOLIBERALISMO E A INTERVENÇÃO NO ORIENTE MÉDIO E ÁFRICA DO NORTE.
6. Ato Público Estadual - Piso salarial e 10% do PIB para a Educação Pública
7. Massa Crítica

OUTUBRO

1. MARCHA ESTADUAL DA REFORMA URBANA
2. Meia-Entrada de estudante para *shows* e eventos culturais em POA
3. 15.O *International Mobilization: #globaldemocracy*
4. 15 de Outubro: Manifesto por uma Real Democracia
5. Largo Vivo: a cidade para as pessoas! (Passa a acontecer semanalmente)
6. PARADA LIVRE 2011

NOVEMBRO

1. Largo Vivo
2. 11.11.11 *Occupy The Streets. Occupy The World.*
3. 11.11.11 OCUPA POA - Porto Alegre-RS (1º acampamento)
4. Ocupa Cidade Baixa
5. 1ª Prá Escambá
6. Ato contra a reforma do ensino médio
7. O POVO TABÉM QUER ENTRAR NA UNIVERSIDADE
8. DEBATE: Os Movimentos Sociais Urbanos e a Copa de 2014

DEZEMBRO

1. Dia Mundial de Combate à Corrupção
2. 2º acampamento OCUPA POA
3. Chamada global para ação no dia dos Direitos Humanos (10/12/2011)
4. Escambarganha
5. "Futebol, nossa Paixão: para falar sobre política futebol e religião!
6. Lançamento do Comitê Popular Copa em Porto Alegre 2014
7. Pela abertura de bares depois da meia noite em Porto Alegre
8. IV Edição "A OUTRA FESTA": PELO XINGU VIVO, CONTRA BELO MONTE
9. *Flash Mob* - PAZ NA CIDADE BAIXA
10. 3º ACAMPAMENTO OCUPA POA

2012

JANEIRO

1. Revolta do Buzu - 2012
2. Assembleia na Cidade da Bicicleta
3. Fanzinada em Porto Alegre!
4. I Encontro Por Uma Educação Libertária
5. ATO em PORTO ALEGRE de SOLIDARIEDADE ao PINHEIRINHO/SJC

6. AGENDA POLÍTICA CULTURAL AUTONOMA
7. Fórum Social Temático 2012
8. Acampamento Intercontinental da Juventude
9. As Lutas de Resistência e os Direitos Humanos - Roda de bate papo e cultura

FEVEREIRO

1. Largo Vivo 17: Contra o aumento da passagem!
2. Contra a Violência Policial em Pinheirinho (LUTO)
3. Ato nacional em solidariedade a Pinheirinho
4. Futebol, nossa Paixão!!!
5. SEGUNDA FEIRA SERÁ MAIOR - TODXS CONTRA O AUMENTO DAS PASSAGENS
6. ATO PÚBLICO CONTRA O PROJETO DE LEI DO ATO MÉDICO!
7. Na Roda com Marcelo- Cidade e Sustentabilidade
8. TODxS CONTRA O AUMENTO - QUINTA-FEIRA SERÁ MAIOR
9. Fórum Mundial da Bicicleta / *World Bicycle Forum*
10. Prá Escambá de Bolso
11. Batucada Coletiva No Largo Zumbi - CIRC
12. Marcha por uma cidade mais humana!
13. Dia de Ação Global pela Soberania Alimentar - OCUPA POA
14. Tuitaço #FifaBaixaBola contra Lei Geral da Copa
15. Largo Vivo 20! e Caminhada Cultural
16. Caminhada cultural em defesa da música e do direito de trabalho
17. Debate O levante mundial da juventude

MARÇO

1. Conversa c/ Vanessa Zettler (Occupy WallStreet)
2. Vigília em Solidariedade ao Quilombo do Rio dos Macacos - BA
3. 1º Encontro do Grupo de Estudos sobre Apartidarismo
4. Veta, Dilma! - Dia Nacional pelo Veto ao novo Código Florestal
5. Bicicletada Nacional
6. A UNIDADE CONTINUA - REVOGAÇÃO DAS PASSAGENS PELA FORÇA DAS RUAS
7. VIGILIA SÁBADO À TARDE: RESISTÊNCIA OCUPA POA
8. Ocupa Padre Chagas
9. Documentário "Grande Barra" - História da Hidrelétrica Barra Grande
10. Desafios da Advocacia Popular em Porto Alegre
11. OCUPA PADRE CHAGAS - Festa de Desaniversário
12. 4ª Audiência Pública da Hidrelétrica Pai Querê - Porto Alegre
13. III OCUPA PADRE CHAGAS: a saga continua!
14. SEGUNDA SECA
15. Palco Aberto de Circo e Variedades
16. Largo Vivo - Largo Glenio Perez
17. Massa com Mais de Mil
18. Resistência e Luta

ABRIL

1. 1º de abril - Unir os bobos contra os mentirosos!
2. Protesto contra o aumento do Metro

3. PALESTRA: A construção do capitalismo e suas contradições na atualidade.
4. Ações Afirmativas do DCE convida: REUNIÃO AMPLIADA!!!
5. AVON, não promova nem financie HOMOFOBIA nem indivíduos que disseminam discursos discriminatórios
6. CHINELAGEM NO PODER!
7. Brique da Bike- 6ª edição
8. #ReOcupa - Festa na Vila Brandão
9. Caravana Cultural - Praça da Brigada - Guajuviras - Canoas/RS
10. II FÓRUM DA IGUALDADE
11. Marcha contra corrupção - Porto Alegre/RS
12. Abraço ao Guaíba
13. 13th World Congress on Public Health
14. Mobilização Contra o Novo Código Florestal
15. Mostra Colaborativa de Música 512 anos de Brasil O Que Falta Ser Descoberto
16. Bicicletada Extraordinária + Vigília Ciclística
17. Assembléia Geral #Ocupa Sampa
18. Assembleia Geral - Ocupa POA
19. VIII Conferência Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente na PUCRS
20. Mobilização contra a reforma do ensino médio, a falta de professores e funcionários e o sucateamento de nossas escolas públicas de Canoas.
21. Seminário da Rede Multicêntrica - SALÃO DE ATOS DA UFRGS
22. EFAIAC 2012 Encontro Feminista Autônomo da América Latina e do Caribe
23. Assembleia Geral - Ocupa Poa - Pç Mal Deodoro (Praça da Matriz) - Porto Alegre
24. Assembleia Geral: Centro de Inovação Social (Casa Pirata)
25. 6ª Assembléia de construção #12M/#15M SP
26. Sarau Erótico: *Encuentro Feminista Autónomo Latinoamericano y Caribeño*

MAIO

1. OCCUPY MAY DAY - GENERAL STRIKE
2. 1 de MAIO DIA DOS TRABALHADORES - NOSSAS URGÊNCIAS NÃO CABEM NAS URNAS.
3. Assembleia do Ocupa POA
4. Turnê Fora do Eixo
5. Bicicletada/Protesto pela morte de Valdeci Silva de Araújo
6. O direito de ser mãe e o direito de não ser - implicações sociais, psicológicas e jurídicas
7. ASSEMBLEIA PRÉ 12M - Praça Da Matriz em Porto Alegre
8. 12M/15M - Mobilização Internacional
9. Convite e Apelo à participação de pessoas e grupos numa Assembleia Preparatória
10. Occupy Ocupa Salvador
11. 12M/15M - Primavera Global - POA - Largo Glênio Peres em Porto Alegre,
12. 12M | Occupy Casa Pirata | Cachoeira do Sul
13. Festival do Alvará
14. Seminário Xingu+23 – Auditórios da História e da Geografia da USP
15. FesTa DA BioDlVErSIdaDE - Largo Glênio Peres em Porto Alegre
16. Hidrelétricas: energia limpa??? Largo Glênio Peres em Porto Alegre
17. Ato contra o aumento do salário dos vereadores leopoldenses!
18. Marcha Nacional das Vadias - SlutWalk Br

19. Marcha da Maconha Porto Alegre 2012
20. MARCHA DAS VADIAS POA
21. Mobilização Nacional SIM à Saúde, NÃO ao Ato Médico!
22. I Seminário de Ações Afirmativas DCE-UFRGS

JUNHO

1. Serenata Redenção Iluminada Parque Da Redenção -
2. Oficina de carteiras com embalagens recicláveis
3. Centro de Inovação Social (Casa Pirata)
4. CHINELAGEM NO PODER - Ocupa Lima & Silva
5. CAMINHADA NA REDENÇÃO - JUSTIÇA - MEMÓRIA E VERDADE
6. 1º VAMU SIUNI PoA - Largo Zumbi dos Palmares
7. SEGUNDA INTIFADA POA Entre Bar em Porto Alegre,
8. Marcha das Vadias - Esteio
9. Ato pelo Casamento Civil e Igualitário com Beijaço no Dia dos Namorados, em Porto Alegre
10. DAPSI convida: "OUTRAS FORMAS POSSÍVEIS DE RELAÇÃO" - PUCRS
11. #OcupeRio+20 - "Desculpe as obras, estamos em transtornos" - Praça Paris - Glória em Rio de Janeiro
12. *Cacerolada contra BANKIA - Frente al Gran Teatro*
13. 2º Caminhada Cultural em Defesa da Música, do Trabalho e da Cultura - Rua da República
14. Roda de Conversa com o Prof. Dr. Sérgio Salomão Shecaira
15. Cidade das bicicletas
16. Concentración SOLIDARIDAD con LA LUCHA MINERA - Frente a la Subdelegación del Gobierno
17. Acampada Cáceres
18. OCUPA ESCADARIA: CHINELAGEM NO PODER! Escadaria da Borges de Medeiros (viaduto)
19. Ato Público de reconhecimento do DOPS dia 27/06 - Comitê Carlos de Ré Poa
20. Protesto contra o muro que estão criando frente à Vila Isabel na UFRGS
21. II REVOLUTIVA - 44 ANOS DA REVOLTA DE STONEMWALL - DCE UFRGS
22. Mini PARADA
23. RESISTÊNCIA - casa24 - Ciclo de Atividades Contra a Especulação
24. Discussão da A Outra Campanha e ELAOPA - Encontro Latino Americano de Organizações Populares Autônomas

JULHO

1. MINI PARADA - Porto Alegre
2. VIII Em Discussão: Reforma Psiquiátrica - PUCRS
3. Arraial Largo Vivo - Uma Porto Alegre para pessoas!
4. *La vivisection est un crime : Répondons à la Ministre de la Recherche et aux vivisecteurs*
5. Consulta popular do Governo do estado Votação de Prioridades do Orçamento RS 2013
6. Entrega oficial do Abaixo-assinado para cumprimento do Plano Diretor Cicloviário POA

7. VOTE NULO PARA REITOR DA UFRGS - AGORA É PARIDADE JÁ!
8. Protesto pela educação de qualidade dos estudantes do CAP-UFRGS
9. Altos do Viaduto da Borges
10. Os 11 do Xingu (Porto Alegre) - Ato contra a criminalização da luta contra Belo Monte.
11. MARCHA PELA EDUCAÇÃO PÚBLICA - PORTO ALEGRE
12. Assembleia do Ocupa Sampa
13. Oficina de Segurança na Internet - Ocupa POA
14. CineOcupa - Tortura Nunca Mais - Rua Frei Caneca 986 - São Paulo-SP
15. 1º Campeonato Porto Alegrense na menor ciclovia do mundo
16. O Viaduto e a Escadaria são de Todos
17. Escadaria da Borges. Tomaremos o espaço público nos mesmos moldes do *Tutti Giorni!*
18. Bio em Foco - Sociobiodiversidade e Questão Indígena no RS - Sede do InGá
19. Ocupa Escadaria da Borges- Terça é dia de Escadaria! *Tutti Giorni* em Porto Alegre,

AGOSTO

1. Ocupa Piedade – Rio Dos Macacos Urgente! Largo Do Campo Grande Em Salvador, Bahia
2. Audiência Pública Sobre O Funcionamento Dos Bares na Cidade Baixa
3. Biblioteca Viva! Janta vegana em prol da Biblioteca do Espaço Anarquista Moinho Negro.
4. ATO PELA CONTINUIDADE DAS COTAS NA UFRGS
5. Oficina sobre editais de Pontos de Cultura na Casa de Cultura Mário Quintana
6. Ocupar Bambus
7. Pré-ELAOPA e Lançamento da A Outra Campanha - Assentamento Urbano Utopia e Luta
8. Chamado à indignação - Campanha Ponto Final na Violência contra as Mulheres e Meninas
9. GERADOR OCUPA POA
10. Ato unificado - Candelária Rio De Janeiro
11. LANÇAMENTO DO FILME " A COPA DOS 20 DE NOVEMBRO"
12. Seminário ECA: sua evolução na conquista dos direitos de crianças e adolescentes na sociedade - Auditório do Ministério Público do RS
13. Belo Monte parou, e agora? São Paulo, Brasil
14. Assembleia do #Ocupa Sampa
15. Ato de recepção a Dilma no Teatro Municipal/RJ
16. Cine Ocupa - "Existe Política Além do Voto?" e "O Espetáculo Democrático"
17. Massa Crítica do Cartaz Mal Feito! Largo Zumbi Dos Palmares

SETEMBRO

1. 5º Encontro Universo Livre - Usina do Gasômetro em Porto Alegre,
2. Marcha contra a mídia machista RS - Parque Farroupilha em Porto Alegre
3. Ocupa Cidade Baixa- Contra a repressão da SMIC na Cidade Baixa
4. *Flash Mob* Ecológico #tamojunto - Parque Farroupilha em Porto Alegre,
5. Passeio Ciclístico Socioambiental
6. Chuva de Dossiês - *FLASH MOB*

7. Bate-Papo: Construindo novos focos de resistência na luta pela libertação animal e da Terra - Insurrectour Porto Alegre
8. (R)existência Cultural Ocupa São João
9. CINE MEMÓRIA E JUSTIÇA - NOSSA MEMÓRIA NÃO ESQUECE - Usina do Gasômetro
10. Cine Ocupa - "Zapatista" - Ocupa Acampa Sampa
11. Inauguração do Espaço Deriva
12. Debate sobre Internação Compulsória de Usuários de Drogas e Relações com a Justiça -CRPRS
13. Ato-Vigília "Segurança Sim, Violência Não" - Largo São Francisco - Ocupa Acampa Sampa
14. Abandonando o *Copyright* - Oficina de *Software* Livre - Espaço Deriva em Porto Alegre,
15. Dia Mundial sem Carro em Porto Alegre - Parque Farroupilha
16. Mobilização contra uso de agrotóxicos no RS - Assembleia Legislativa do RS
17. Ato de Apoiadores | Outra Educação para uma nova sociedade!
18. OKUPA VIADUTO - RAProtesto
19. Plenária para votação do Plano de Saúde Mental de São Leopoldo
20. Segunda roda de conversa sobre o que iremos fazer neste um ano de 150 - Sede do grupo Tortura Nunca Mais, rua Frei Caneca 986 - Ocupa Acampa Sampa
21. Michael Löwy e Renato Cinco no IFCS - "Ecosocialismo e perspectivas para o Rio - Diálogos Insurgentes"IFCS
22. Massa dos Quebrados
23. Cavalete *Parade* Porto Alegre - Gasômetro
24. Resistência e Luta - Largo Zumbi Dos Palmares
25. Chamado à ação 28 de setembro - Brique da Redenção
26. Dia Internacional pela Descriminalização do Aborto

OUTUBRO

1. Semana Acadêmica de Psicologia - UFRGS! A ocupação dos espaços e a atuação psi e de movimentos sociais.
2. Defesa Pública da Alegria
3. Cine Casarinho - *LA EDUCACIÓN PROHIBIDA*
4. ASSEMBLEIA OCUPA-SAMPA
5. MICROFONE HUMANO: Defesa Pública da Alegria
6. Largo Glênio Peres em Porto Alegre
7. #OcupaCB com #VILLA13
8. Mulher e mídia: olhares feministas
9. Festa do Não-Voto (ou Festa do Cavalete)
10. Casa Mafalda em São Paulo - Ocupa Acampa Sampa
11. Não vote !!! -A Política é além do voto - Antes de não aceitar o convite do evento leia-o, pois seu voto interfere na minha vida.
12. Churrascão da Justificativa - versão primeiro turno
13. Multidões Queer - Intervenção - Espaço Deriva em Porto Alegre
14. CUBA a Primera Vista - Pinacoteca Café em Porto Alegre
15. Assembléia #OCUPASAMPA #15OSP
16. Feira de Trocas e Vivência na Economia Solidária - UFRGS
17. CINE OCUPA - "Ocupas" - São Paulo - SP

18. Terceira Reunião Inter Ocupas
19. Defesa Pública da Alegria: Por nossos corpos e direitos! da Esquina Democrática ao Largo Glênio Peres, Porto Alegre
20. 12. O - Ocupa Aniversário - Indignados Ocupa Floripa - 2012
21. **#GlobalNoise #130 - BRASIL**
22. **#GlobalNoise Cuiabá!! 130**
23. 150 - UM ANO DE OCUPA SAMPA
24. **#13oSP #GlobalNoise #PANELAÇÃO - A CIDADE É NOSSA!**
25. **#PanelaçoMundial #13o #GobaNoise Salvador**
26. Chimarrão ConsCiência: Movimento Rio Uruguai Vivo (UFRGS)
27. Seminário de Lançamento da Frente Estadual Drogas e Direitos Humanos - UERJ em Rio de Janeiro
28. Mobilização Permanente até Pai Querê ser negada pelo Ibama !!! Entre Bom Jesus (RS) e Lages (SC)
29. Ato em defesa dos Guarani Kaiowás - MASP - Museu de Arte de São Paulo
30. Conversas sobre autonomia e saúde da mulher - Espaço Deriva
31. Cerca na Redenção NÃO! Araujo Viana
32. Ato de Identificação do Presídio Feminino Madre Pelletier
33. Suicidados da Democracia - Praça Montevideú
34. Chuva de ideias: traga suas propostas, criatividade e energia para construir juntos o Mandato na Câmara!
35. Reunião Inter-Ocupas Brasil
36. Ensaio de Performance: Ato pela liberdade da Comunidade Indígena Guarani-Kaiowá - Florianópolis - Indignados Floripa
37. Cine Escadaria Debate: Filme: "Terra Vermelha". A Situação Dos Guarani-Kaiowá.
38. Quilombo Das Artes - Escadaria Da Borges 719 - Utopia E Luta
39. Cine Ocupa - Insurrecto: Libertação Animal, Humana E Da Terraevento Sugerido

NOVEMBRO

1. Vozes Guerreiras Bonitas que Agregam: políticas de resistência e criações - Maceió, Alagoas, Brasil
2. Colóquio Internacional "Educação Libertária: 100 anos da Escola Moderna de São Paulo"
3. Roda de conversa: Feminismo e legalização das drogas - Sede do Outras Palavras/SP - Ocupa Acampa Sampa
4. Colóquio Ideologias políticas e Movimentos Sociais - Unisinos em São Leopoldo
5. Corumbiara: Filmes de Quinta Especial Lutas Indígenas - Espaço Deriva
6. II Seminário de Diversidade Sexual, Relações de Gênero e Políticas Públicas- UFRGS
7. Ato Nacional em Defesa do Povo Guarani Kaiowá - Vão Do Masp em São Paulo - Ocupa Acampa Sampa
8. ATO CONTRA O GENOCÍDIO DO POVO GUARANI KAIOWÁ
9. SEMINÁRIO-DEBATE "HÁ MACHISMO NA ESQUERDA?" - São Paulo - Ocupa Acampa Sampa
10. Sarau Redescobertas: Novas Poéticas das Culturas Originárias - Tenda de Pasárgada - Feira do Livro de Porto Alegre
11. Saúde Mental no Parque Comemoração alusiva ao Dia Internacional da Saúde Mental -Parque Farroupilha em Porto Alegre,

12. Escola Protásio Alves - Quarta, manifestação em defesa de nossos professores
13. CINE OCUPA - GRANDES OBRAS E SEU IMPACTO URBANO-SOCIAL- Ocupa Acampa Sampa
14. Espaço Fanzine na 3ª Flapoa! Galeria dos Arcos na Usina do Gasômetro
15. MUTIRÃO FUTURO ASSENTAMENTO 20 DE NOVEMBRO - Centro - Porto Alegre
16. 3ª FLAPOA - Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre - Usina do Gasômetro em Porto Alegre,
17. Ato de Luta Quilombola, negro e popular: 20 de novembro é dia de luta, não temos nada a comemorar - Prefeitura Municipal de Porto Alegre em Porto Alegre,
18. OKUPA VIADUTO - Escadarias Borges de Medeiros em Porto Alegre
19. CINE OCUPA - Lei Geral da Copa – Militarização e Restrição dos Espaços Públicos - São Paulo - Ocupa Acampa Sampa
20. 1a. Mostra Experimental CURTA INCLUSÃO e DIVERSIDADE - Cinespaço Bourbon Shopping em Novo Hamburgo
21. Cabaré do Verbo TOTAL: As diferenças nos unem, CCMQ!
22. 21º Encontro de Geração e Parto Natural Conscientes - UFRJ
23. 7ª Mostra Cinema e Direitos Humanos na América do Sul - Santander Cultural em Porto Alegre,
24. Seminário de Estudos Autonomia Indígena " Etnia Kaingang em Foco" - Unisinos em São Leopoldo
25. Chuva de ideias #2 - Das ideias para as ações - Marcelo Sgarbossa
26. DO SONHO UMA PONTE - Ponte de pedra em Porto Alegre,
27. RESISTÊNCIA & LUTA - Largo Zumbi Dos Palmares,
28. Debate - Megaeventos e Violações de Direitos Humanos - Ocupa Acampa Sampa
29. DIA PELA LEGALIZAÇÃO DA MACONHA E COMBATE AO CÂNCER - RIO DE JANEIRO
30. Projeto Popular para a Educação!
31. NÃO SOMOS MASSA DE MANOBRA, NÃO DEFENDO ROYALTIES, DEFENDO O POVO! Maracanã em Rio de Janeiro
32. Defesa Pública da Redenção Em frente ao Auditório Araújo Vianna - Parque Redenção
33. Ciclo de Cinema e Debate - Temática Indígena - Sala P F Gastal em Porto Alegre

DEZEMBRO

1. ATO Copa Pra Quem?
2. Ocupação Mauá: Rua Mauá, 340 - Ocupa Acampa Sampa
3. Sarau ao Ar Livre - Praça Brigadeiro Sampaio
4. Pedalada Gentil do Fim do Mundo - Praça da Matriz em Porto Alegre
5. Assembleia Geral dos Estudantes de Psicologia - Instituto de Psicologia - UFRGS
6. Reabertura Cachorro do Élio
7. Centro dos Artistas Independentes (CAI), convida a todos e todas para a ALDEIA CAIANA.
8. 6 ANOS OCUPAÇÃO 20 DE NOVEMBRO - Rua Barros Cassal, nº 161
9. Encontro das Bruxas Arteiras - Espaço Deriva
10. CINE OCUPA - Compre!- Uma sociedade consumista
11. Entre Garantia de Direitos e Práticas Libertárias - CRPRS -
12. INTRODUÇÃO À COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA, com DOMINIC BARTER - Porto Alegre
13. Cabaré do Verbo segunda edição Chimarima: Poesia na calçada! Parque Farroupilha

14. 4º Encontro URBE: Cultura Visual Urbana e Contemporaneidade - Teatro do SESC/RS
15. PEDALADA DA DIPLOMAÇÃO DO VEREADOR ELEITO MARCELO SGARBOSSA
16. CINE OCUPA - *Surplus* Aterrorizados pelo Consumo
17. MUTIRÃO: PRACINHA NO FUTURO ASSENTAMENTO 20 DE NOVEMBRO, Rua Barros Cassal, 161
18. Noite Do Palco Aberto Em Comemoração Dos 10 Anos De Ocupação!
19. Aldeia Maracanã - Petição *Online* A Favor Dos Índios Da Aldeia Maracanã E Pelo Tombamento Do Edifício Do Antigo Museu Do Índio Enquanto Patrimônio Material E Imaterial Da Humanidade, No Rio De Janeiro.
20. Protesto virtual contra a violência policial nas periferias de SP

2013

JANEIRO

1. Piquenique da Posse do Vereador Marcelo Sgarbossa - Câmara Municipal de Porto Alegre
2. *Tidal and Occupy Theory, Conversations* - 16 Beaver St em Nova Iorque
3. II Assembleia Geral de 2013 do Bloco de Luta Por Um Transporte Público SIMPA
4. ATO REGIONAL UNIFICADO CONTRA OS AUMENTOS DAS PASSAGENS DE ÔNIBUS NO ABC - ABC PAULISTA
5. Internação Compulsória NÃO, Ato - Vigília - CRATOD - Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas em São Paulo - Ocupa Acampa Sampa
6. I Ato de 2013 do Bloco de Luta Por Um Transporte Público - Largo Glênio Peres
7. Ato público contra violência no BAR PINGUIM - CB
8. Audiência pública contra violência no BAR PINGUIM - Câmara Municipal de Porto Alegre
9. CINE OCUPA: A Historia Sionista - Ocupa Acampa Sampa
10. Acampamento na Anita - Não concordamos com essa obra
11. 1º *IGNICIÓN DO GERAMOR DE ENERGIA* - Redenção
12. Internação Compulsória NÃO, Ato. Praça da Sé em São Paulo Ocupa Acampa Sampa
13. X Elaopa - Encontro Latino americano de Organizações Populares Autônomas Viamão
14. ATO CONTRA O GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA, POBRE E PERIFÉRICA - Praça da Sé em São Paulo - Ocupa Acampa Sampa
15. Ato contra a internação compulsória - SEXTA - 25/01 - Praça da Sé em São Paulo - Ocupa Acampa Sampa
16. Massa Crítica do Cauã - Largo Zumbi dos Palmares
17. Carta de Apoio aos Pais e Alunos da Escola Friedenreich, do Maracanã! Câmara Municipal do Rio de Janeiro
18. Aniversário Coletivo na Redenção
19. FSM Temático porto alegre 2013 - usina do gasômetro
20. Apoio à Aldeia Maracanã - Aldeia Maracanã em Rio de Janeiro
21. Viviane Alves: Ato pelo Fim do Silêncio - De Um Grito contra o Estupro Silencioso
22. Roda de conversa - Saúde mental e práticas de privação de liberdade - Parque Harmonia em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
23. Discussão Espaço de Arte e cultura na sociedade - Plano mental
24. Reunião aberta do Comitê Popular da Copa
25. Beijaço em repúdio ao ato de homofobia ocorrido na Bar Victor na Lapa-RJ.

26. CINE OCUPA com a temática "A Questão Palestina"
27. Petição em defesa da democratização da mídia na América Latina
28. Occupy New England 3rd Regional Convergence, Portland, EUA

FEVEREIRO

1. 1º FESTIVAL DE BANDAS DO "CEM" - Coletivo em MOVIMENTO
2. Encontros de apoio à Vila Areia/Liberdade - Porto Alegre
3. BLOCO DO M.A.L.
4. A união faz a força!
5. Tebas ou Trilogia Tebana (Teatro de Rua) - Usina do Gasômetro em Porto Alegre
6. Ajude as famílias do Humaitá
7. Ocupação do terminal triângulo - Contra o aumento da Passagem! Terminal Triângulo em Porto Alegre, Rio Grande do Sul
8. CINE OCUPA: A Catástrofe - parte II - Rua Frei Caneca, 986 - SP - Ocupa Acampa Sampa
9. AS ÁRVORES SOMOS NÓS - Usina do Gasômetro em Porto Alegre, Rio Grande do Sul
10. Inauguração da OBRA DE ARTE PÚBLICA BARÁ DO MERCADO - Mercado Público em Porto Alegre
11. Resistência no Carnaval: a favor da Vila Liberdade! Vila Farrapos em Porto Alegre, Rio Grande do Sul
12. Mobilização em defesa dos espaços para pedestres e áreas verdes
13. Praça Julio Mesquita (Usina do Gasômetro), Porto Alegre.
14. VAMOS DOAR SANGUE - Ajuda às vítimas de Santa Maria - HEMOCENTRO em Porto Alegre, Rio Grande do Sul
15. Discussão pública de infrações e penalidades de trânsito - Cidade Das Bicicletas em Porto Alegre
16. Assine a Carta de Apoio aos Pais e Alunos da Escola Friedenreich, do Maracanã! Câmara Municipal do Rio de Janeiro em Rio de Janeiro
17. Mobilização em defesa dos espaços para pedestres e áreas verdes - Parque Marinha, na esquina da Av. Ipiranga com Av. Beira-Rio - Marcelo Sgarbossa
18. Quantas copas por uma Copa? Câmara de Vereadores PoA em Porto Alegre, Rio Grande do Sul
19. Apoio aos Moradores da Vila Liberdade - Vila Liberdade, Porto Alegre
20. Discussão Espaço de Arte e cultura na sociedade - No Plano mental
21. Escola da Bicicleta
22. III Ato do Bloco de Luta por um Transporte Público - Largo Glênio Peres em Porto Alegre
23. Para barrar a derrubada: Todos à Audiência Pública! - Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre.
24. Bate-papo com o artista André Bezerra - Atelier Subterrânea em Porto Alegre
25. Ocupação do terminal Azenha - Frente Autônoma do Bloco de Luta por um Transporte Público - Azenha em Porto Alegre
26. FORA RENAN CALHEIROS - Porto Alegre - RS - Arco da Redenção
27. do outro lado - do outro lado do tutti, onde a grama é mais verde
28. Sarau no Bar Garibaldi - Leitura Coletiva - Bar Garibaldi em Porto Alegre.